

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

Beatriz de Paula Mattos

Orientação: Raquel Ponte

minha
Guanabara



Rio de Janeiro
2019

**MINHA GUANABARA:
A BAÍA ESTAMPADA NA CIDADE**

Beatriz de Paula
Orientação: Raquel Ponte

Resumo

DE PAULA, Beatriz. Minha Guanabara: A Baía estampada na cidade. Rio de Janeiro, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Comunicação Visual Design) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019

O projeto irá trazer, por meio do design de superfícies, estampas sobre as principais questões que traduzem a história, a geografia, os aspectos urbano-sociais e claro, os problemas que envolvem e que fazem, de certa forma, parte do imaginário coletivo de todos aqueles que lidam com a Baía de Guanabara. Todos estes, são colocados em contrapartida às particularidades naturais que aqui encontramos, como forma de alertar sobre a questão ambiental, que cada vez mais se torna assunto recorrente na atualidade e que se apresenta como justificativa para a realização do projeto. Assim, a proposta se estende pela cidade, expondo esses padrões como peças de arte urbana, com propósito de atingir toda a sociedade de forma lúdica e democrática. O projeto "*Minha Guanabara: de onde nasce o mar e a cidade*" surgiu com intenção de desmitificar o olhar que temos sobre a Baía, na tentativa de valorizar seu potencial e trazer informação à população por meio da arte. O objetivo é incitar questionamentos e debates, promovendo a valorização da identidade e do sentimento de pertencimento como um primeiro passo para pensarmos coletivamente sobre o futuro, e o que podemos fazer para mudarmos a situação atual da mesma.

palavras-chave: design de superfícies, baía de guanabara, estamparia, arte urbana, meio-ambiente.

Lista de Figuras

Figura 1 - Rio de Janeiro, c. 1892. Karl Oenike / Acervo Instituto Moreira Salles	14
Figura 2 - Homem no mar de lixo. Foto: Fábio Teixeira/Folhapress.....	20
Figura 3 - Moodboard de estampas	30
Figura 4 - Moodboard Baía de Guanabara	32
Figura 5 - Elementos Urbanos	36
Figura 6 - Elementos Topográficos	37
Figura 7 - Elementos Históricos	38
Figura 8 - Elementos Sociais	39
Figura 9 - Elementos Problemas	40
Figura 10 - Elementos Complementares	41
Figura 11 - Moodboard Arte Urbana	47
Figura 12 - Aplicação da estampa histórica no Museu de Arte do Rio	50
Figura 13 - Aplicação da estampa Urbana na Mureta da Urca	50
Figura 14 - Aplicação da estampa Urbana no Aeroporto Galeão	51
Figura 15 - Aplicação da estampa Problemas nos painéis da Linha Vermelha	51
Figura 16 - Estampa Topográfica em viadutos e construções	52
Figura 17 - Aplicação da estampa Social de forma localizada no barco	52
Figura 18 - Aplicação da estampa Social em propriedade privada	53

Figura 19 - Aplicação da estampa Topográfica de forma localizada no Shopping São Gonçalo	53
Figura 20 - Aplicação da estampa Social no túnel em Botafogo	54
Figura 21 - Aplicação da estampa Problemas no MAC em Niterói	54
Figura 22 - Homepage do Site	55
Figura 23 - Categoria "A Baía Estampada na Cidade", no Site	56
Figura 24 - Categoria "Minha Baía Urbana", no Site	56
Figura 25 - E-commerce do Site	57
Figura 26 - Categoria "Parceiros"	57
Figura 27 - Instagram @minha.guanabara	58
Figura 28 - Aplicação da Marca em Ecobag	59
Figura 29 - Aplicação das Estampas em Ecobag	60
Figura 30 - Aplicação da Estampa Histórica em caderno	60

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento vai à minha mãe, Wanda, de onde eu me espelhei e sempre tive o incentivo para seguir na área criativa. Pelo colo nos piores momentos de pura ansiedade, pelas comemorações em cada vitória da vida, e principalmente pelo exemplo de força e determinação para seguir adiante em busca dos meus sonhos. Sem você, não seria o que sou hoje. Ao meu pai, Rogério, que sempre deu o exemplo de dedicação, responsabilidade e sensibilidade na forma de ver o mundo. Pai, obrigada por sempre achar minhas artes incríveis e valorizar isso em mim! Beijo da sua caçula!

A minha vó Glorinha, que compartilha comigo um amor pela nossa cidade e é responsável por inúmeras lembranças na orla de Icaraí, de onde eu me inspirei pra realizar esse trabalho. Ao meu vô Zé, o mineiro mais niteroiense do mundo. Obrigada por sempre me contagiar com seu astral, por sempre me incentivar como artista e compartilhar comigo toda as suas histórias de quando adotou o Rio como seu.

A minha irmã, Julia, minha melhor amiga da vida, que se enche de orgulho a cada conquista minha e esteve comigo em todos os momentos da minha vida e deixou tudo mais emocionante! Obrigada Juca!

Ao meu zin, meu amor e melhor amigo, Igor, que sempre me apoia nas minhas maiores loucuras e me fez crescer tanto nesses últimos anos. Amor, obrigada por me tirar da cama e me apresentar a canoa havaiana, onde tive a oportunidade de enxergar a Guanabara por outra perspectiva. Obrigada pela oportunidade de viver tudo isso ao seu lado!

As minhas amigas de infância, Nick, Fefinha, Gabiza e Clara, que sempre estão prontas pra aguentar minhas crises existenciais.

A Lulu e à Vic, que tornaram minha faculdade mil vezes melhor, sendo meu melhor grupo de apoio para surtar com prazos dos trabalhos.

Ao Hoa Aloha, minha "ohana", meu clube de canoa havaiana! Obrigada pela troca diária e pela energia de todas as manhãs. Eu sou bem mais feliz depois que comecei a remar!

A Paddle House, dos amigos Fire, Rod e Mattos, que acompanharam passo a passo do processo do TCC e que sempre me ajudaram quando precisei!

Ao Starbucks, onde passei horas e horas nas mesinhas produzindo os desenhos, usando as suas tomadas e gastando meu dinheiro.

Agradeço à UFRJ e ao privilégio de ter cursado uma universidade pública. Por todo conhecimento adquirido, por toda troca. Obrigada por me proporcionar experiências engrandecedoras.

A minha orientadora Raquel, por embarcar nesse projeto comigo e se animar tanto quanto eu! Te admirava só sendo sua aluna mas hoje agradeço ainda mais por ter te escolhido para me orientar nesse projeto.

E por fim, mas não menos importante, ao planeta Terra. Obrigada. Cada vez mais vejo quanto a natureza é incrível, agradeço todos os dias pela oportunidade de estar aqui e fazer parte disso tudo!

Sumário

1. Prefácio	9
2. Introdução	10
3. Conceitos	11
3.1. A Baía de Guanabara	11
3.2. Aspectos Naturais	12
3.3. Fauna e Flora	12
4. História	13
4.1. Guanabara: O seio de onde brota o mar	14
4.2. O Novo Mundo: As grandes Navegações e o domínio Europeu	15
4.3. Desenvolvimento urbano na Guanabara	18
5. Uma Baía resistente: Os diversos problemas da Guanabara	19
5.1. Políticas de proteção	20
6. Arte Urbana	22
6.1 Arte Urbana no mundo	23
6.2 Arte Urbana no Brasil	24
7. Design de Superfícies	26
7.1. Estamparia	27
7.2. Processos de Impressão	28
8. O Projeto	30

8.1. Naming	31
8.2 Identidade Visual	33
8.3 Os cinco aspectos	33
8.4 Os Elementos	36
8.5 As Estampas	42
8.6 Versões Localizadas	49
8.7 Aplicações na Baía de Guanabara	50
8.8 Desdobramentos	55
8.9 Outras Aplicações	59
9. Conclusão	61
10. Referências Bibliográficas	62

*O pintor Paul Gauguin amou a luz na Baía de Guanabara
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela
A Baía de Guanabara*

*O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela
E eu menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, te tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?*

[...]

*Uma baleia, uma telenovela, um alaúde, um trem?
Uma arara?
Mas era ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara*

*Em que se passara passa passará o raro pesadelo
 Que aqui começo a construir sempre buscando o belo e o amaro
 Eu não sonhei que a praia de Botafogo era uma esteira rolante de areia branca e de óleo diesel
 Sob meus tênis
 E o Pão de Açúcar menos óbvio possível
 À minha frente
 Um Pão de Açúcar com umas arestas insuspeitadas
 À áspera luz laranja contra a quase não luz quase não púrpura
 Do branco das areias e das espumas
 Que era tudo quanto havia então de aurora ...*

O Estrangeiro - Caetano Veloso

Prefácio

Dentre os lugares que mais se fizeram presentes e marcam diversas fases de toda a minha trajetória até então, a Baía de Guanabara, como para tantos outros, é com certeza um deles, senão o mais importante.

Nascida no "outro lado da poça", desde o início da minha vida como niteroiense, vivi diversos momentos na Baía e esta fazia parte do meu cotidiano e da minha família desde quatro gerações. Alguns anos depois, me mudei para fora do país acompanhando meus pais. Por esse motivo, ao longo da infância, tive de atravessar diversas vezes a ponte até o aeroporto Galeão e sempre admirava a Baía da janela do avião. Entre essas idas e vindas, fui entendendo a mesma sendo o mar que separa algumas cidades, e que, chegando ao Brasil, haveríamos de atravessar uma ponte para ir ao encontro do resto da família. Entendia que ela já era poluída, muito pelo cheiro que exalava quando estava perto do nível do mar - o mais engraçado é que hoje, ao passar por esses mesmos pontos hiper poluídos, sinto um grande sentimento de nostalgia pelo mesmo cheiro, um sentimento bom dessa época que passou - Entendia que era base de um grande porto que abastecia uma cidade volumosa, e que mesmo com tanto caos e poluição, era bonita e incomparável.

Mais tarde, já de volta ao Brasil, iniciei minha vida de universitária na UFF, onde frequentava o campus Gragoatá e presenciei muitos entardeceres. Depois ingressando no Fundão, as travessias pela ponte eram diárias, de barcas ou perdendo as incontáveis horas de engarrafamento, deslumbrada com a vista mas lamentando sempre os problemas que via na paisagem, fato que sempre me fez questionar sobre a falta de iniciativa em mudar aquela realidade. Em um momento me mudei para Glória, onde pude vivenciar a Baía de outras formas: carnavais da praça XV e seu entorno, almoços na Marina da Glória, aprendendo a dirigir pelo Aterro do Flamengo, aulas de desenho na mureta da Urca e andando pela orla ao

encontro dos amigos em um barzinho de Botafogo, além de voltar pra casa praticamente toda sexta-feira, tendo que pegar a barca na hora do rush após o estágio.

Finalmente, minha maior motivação para pensar a Baía como meu trabalho de conclusão de curso foi quando comecei a praticar canoa havaiana em Charitas - Niterói. Todos os dias acordo de madrugada para remar nas águas da Guanabara. Vejo os amanheceres de dentro d'água, vivenciando diariamente sua beleza e degradação.

Eu e todos que remam comigo, dentre eles biólogos, pescadores, médicos, engenheiros, artistas, geógrafos, professores e estudantes, toda aquela gente entra em contato com a Baía, todas as manhãs, para iniciar o dia. Todos eles sentem-se privilegiados e cada vez mais responsáveis por cuidar dela. Nesses trajetos, já remamos com golfinhos, tartarugas, vimos até raias pulando, peixes voadores entre tantos outros cantos e ilhotas esquecidas, atravessando a boca da barra, passando pelos fortes até a Praia Vermelha ou cruzando embaixo da ponte em direção a Paquetá, competições de canoa pelas praias do Flamengo e Botafogo, entre tantos outros momentos que me marcaram tanto que jamais verei a Baía com os mesmos olhos de antes. Infelizmente também são diárias as reclamações sobre a qualidade da água, às vezes muito suja, mau cheiro e com muito lixo flutuante. O remo escorrega das mãos por conta do óleo despejado no mar, além das vezes que encontramos animais mortos ou morrendo, tartarugas tão zonzas que nem conseguem mais se assustar com nossa presença ou até um mar de peixes asfixiados por conta de uma técnica de pesca ilegal. Fiz esse projeto porque não há um dia sequer que não fico imaginando como deveria ser e como poderia ser se cuidássemos desse privilégio que é ter e viver a Baía de Guanabara.

Introdução

Já não é de agora que vemos pessoas inspiradas pelas suas paisagens. Por meio de pinturas, poesias, músicas, fotografias, citações nos livros, entre diversas manifestações artísticas que buscam sempre descrever a sua beleza, a Baía de Guanabara carrega em si grande valor sócio-cultural.

O projeto traz uma coleção de estampas que falam sobre a Baía, sendo estas aplicadas em diversas superfícies da paisagem das cidades do seu entorno, como forma de arte urbana. O objetivo é chamar a atenção da sociedade sobre o futuro da mesma, transformando as ruas em arte e cultura, e com isso, trazendo uma identificação de seus habitantes com o espaço.

Tratando-se de um projeto de estamparia, nada foi tão esclarecedor quanto buscar os diversos significados da palavra "estampa": a começar pelo verbo "estampar" que pode ser sinônimo de imprimir, gravar, publicar, marcar, deixar vestígios. Seria guardar (na memória), patentear e ostentar. A partir daí já conseguimos identificar um tanto da proposta desse projeto. Estampar a cidade com a Baía de Guanabara é justamente imprimir, marcar, deixar vestígios de uma história riquíssima, que nasce justamente dali, com intenção de tornar a Baía e as cidades em seu entorno, mais belas e vivas, representadas pela sua natureza,

patenteada e ostentada por nós. Principalmente se propõem a questionar o caos que se instalou e permanece na Baía, por meio de uma arte que vai de encontro ao concreto, à cidade e a todo o sistema urbano.

Nas ruas, a coleção irá expor novas percepções sobre a Baía, para que todos igualmente possam consumir aquela informação e imagem. Sendo elas aplicadas ao espaço urbano, extrapolam os limites da cidade e da própria Baía, ignorando então as diferenças de classe, de cor, de sexo, de instrução e das diversas realidades e vidas que vivem em sua volta, pois a Baía é vivida de diversas formas.

A Baía de Guanabara está localizada em uma das maiores cidades do Brasil, sendo uma das mais importantes do país e apresentando diversos problemas. Entender a importância das cidades banhadas por ela não é tarefa difícil, levando em consideração toda a natureza de processos que ela envolve.

Conceitos

De acordo com os conceitos que serão abordados como temas principais dos elementos presentes nas estampas do projeto, é de extrema importância conhecer a fundo suas particularidades a fim de conseguir traduzir, por meio das imagens repletas de significados, os questionamentos que através das mesmas, serão abordados.

A Baía de Guanabara

Sendo um dos principais símbolos da cidade do Rio de Janeiro, a Baía de Guanabara é sinônimo de resistência e tem papel importantíssimo na história e formação da cidade e no desenvolvimento do Brasil. As modificações de seu território ao longo do tempo retratam o seu valor para diferentes épocas, sendo nossa Baía extremamente usufruída diariamente.

baía

substantivo feminino

1. 1.
2. GEOGRAFIA FÍSICA
3. num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar.
4. 2.
5. POR EXTENSÃO·BRASILEIRISMO
6. lagoa em comunicação com um rio através de um canal.
7. 3.
8. POR EXTENSÃO·GEOGRAFIA FÍSICA
9. canal para drenagem de pântanos.
10. 4.
11. GEOGRAFIA FÍSICA

12. grande sinuosidade numa costa, por onde penetra o mar [A baía é maior do que a enseada e menor do que o golfo.].
- porto mais largo no interior do que na entrada.

(fonte: ETIM orig.duv)

Dá-se o nome de baía a uma concavidade sobre a linha costeira, por onde o mar avança para o interior do continente. Naturalmente, as baías têm grande importância social e econômica para a região em que estão inseridas, tendo em vista que têm características propícias para abrigar embarcações, instalar portos, onde ocorrem trocas comerciais e culturais e por isso, onde geralmente desenvolvem-se os centros urbanos.

Segunda maior baía do Brasil com uma área de 400 km², a Baía de Guanabara banha 16 cidades, localizadas no Estado do Rio de Janeiro, fazendo parte da vida 8,4 milhões de pessoas. É base para a atividade econômica fluminense e é onde abriga o segundo maior parque industrial nacional, com 14 mil indústrias. Sendo ocupada há cerca de 8 mil anos e explorada desde seu descobrimento, a Baía ainda sobrevive em meio à sua vasta degradação.

Aspectos Naturais

A Baía de Guanabara tomou sua formação geológica de um resultado da erosão da crosta terrestre que gerou um grande vale com inúmeros recôncavos há 7 mil anos atrás. Sendo uma continuação estrutural da Serra do Mar e tendo como sua barra o Oceano Atlântico, é considerada um estuário de 143 córregos e rios que despejam seus 200 mil litros de água por segundo. Estes percorrem cenários únicos que contam com imponentes morros, enseadas, ilhas, praias, manguezais, além de ser habitat e fazer parte da vida de diversas espécies de animais. São 36km de uma extremidade a outra, chegando a 20m de profundidade em sua parte mais profunda. Caracterizando-se de um ambiente costeiro misto, é preenchida por uma vegetação de ecossistemas associados à costa atlântica brasileira que infelizmente, estão em acelerado processo de degradação por fatores naturais e principalmente daqueles provocados pelo homem.

A região hidrográfica da Baía apresenta características topográficas contrastantes, incluindo zonas montanhosas, áreas planas de baixada e restingas, mangues e praias. Conta com 6 diferentes tipos de habitat de clima quente e chuvoso, tipicamente tropical, rodeada pela Mata Atlântica, um dos sistemas mais ricos em biodiversidade do planeta. Também se fazem presentes matas paludosas (que contam com vegetação de solo encharcado de água doce), os brejos e os 81 km de manguezais, servindo de abrigo para diversas espécies e ricos de alimentos. Estes desempenham papel importantíssimo na natureza por meio da reciclagem de nutrientes, atuando como filtro natural e depurador de águas, no qual sua vegetação cobria praticamente toda a orla. As 127 ilhas e ilhotas, que caracterizavam seu cenário inconfundível, faziam parte de uma baía muito diferente dos dias atuais quando a mesma era considerada um oásis do meio ambiente.

Uma baía natural, com belíssimas paisagens e águas ainda límpidas; de uma bacia rural, onde se alimentavam suínos com algas e onde se praticava com intensidade a pesca artesanal e a coleta de frutos do mar; de uma baía histórica, onde a partir das terras insuladas, se foi criando a cidade que conhecemos; de uma baía triste, em que a vegetação tropical de suas ilhas foi dando lugar, por ação de empresas estrangeiras, a gigantescos tambores de metal. Ao longo dessa obra não foram poucos os alertas e denúncias em relação a ação humana, que naquela época já apontava para o incerto futuro da Guanabara. (CORRÊA, 2017, p.20)

Fauna e Flora

A Mata Atlântica se adapta às variações de relevo, solo, fauna de acordo com as diversas regiões em que se encontra. No litoral carioca, na vegetação característica do entorno da Baía, aparecem inúmeros tipos de árvores, plantas, flores que contribuem para uma flora diversificada e rica. Dá-se destaque ao paubrasil, jacarandá, árvores frutíferas como Arcos de Pipa, Aroeiras, Figueiras, Marajuabeiras, Olho de Gato, Pitangueiros, Cajueiros e Mangueiras, entre muitas outras. Sua mata marítima é formada por três principais árvores como a Siriba, habitat dos caranguejos, o Sapateiro e Mangue Vermelho que fornece frutos e material corante, espécies de vegetação característica do mangue.

São em número de 145 espécies os peixes que vivem nas águas da Guanabara, sendo os principais o Cherne, Robalo, Garoupa, Badejo, Pescada, Corvina e Sardinha. Dezesete espécies de crustáceos como a Tamarutaca, a Lagosta, o Tatuí nas praias, Camarões, Caranguejos (uçá) e siris. O mexilhão é uma das espécies mais economicamente importantes, servindo por muito tempo como fonte de renda para muitos marisqueiros locais.

A Baía também é povoada por espécies de aves como Atobá, Dizimeiro, Gaivota, Imbioá, Trinta-Reis e Martin-Pescador, entre outras. Entre as que vivem nos mangues, temos as garças, garça azul, socó, maçarico, piaçoca e aquelas que vivem nas ilhas como carcará, corujas, beija-flores e outros diversos pássaros como Bem-te-vi, João de Barro, Sabiá.

Dentre os mamíferos, há gambás e cuícas, morcegos, tatus, preás, cutias, capivaras, quatis. Jacarés, camaleões e outros répteis, como cobras jararaca, cobra cipó e coral falsa. A tartaruga verde se faz presentes em suas águas, como também, só na Baía, há mais de 7 espécies de raias, que, segundo uma pesquisa feita pelo instituto de Biologia da UFRJ, torna a Baía a sexta do mundo e a primeira do Brasil com a maior biodiversidade de elasmobrânquios. Divide o espaço igualmente com o habitante exclusivo da Guanabara: o boto cinza, homenageado no brasão oficial da cidade e símbolo do RJ.

História

Em meio a essa natureza exuberante e complexa, a Baía de Guanabara é carregada de história e símbolos, sendo uma testemunha viva da nossa identidade. Aparece como

protagonista de diversos acontecimentos do nosso país e se faz muito presente em seu desenvolvimento.

Na margem esquerda podia-se ver um rio de águas maravilhosamente límpidas que desce direto das nascentes de altas montanhas que cercam as terras baixas no entorno da baía. Um curso de água que serpenteia por um lindo vale de árvores verdes e frondosas, abaixo do enorme maciço que domina o primeiro horizonte. Um topo de granito apontado para o céu é o último baluarte da serra que avança continente adentro em todas as direções de pura floresta. Ao longe, a paisagem hipnotiza ainda mais, infinitos morros e planaltos erguem-se entre as nuvens. (FREITAS, 2015, p.17)

A região da Guanabara, antes das grandes navegações, esbanjava de incontáveis recursos, sendo repleta de rios e lagoas com água doce abundantes em vida, enseadas e praias paradisíacas, também local rico em espécies de plantas e animais, reduto de baleias onde encontravam águas calmas para procriar. Lugar onde havia todo o sustento propício para o desenvolvimento das comunidades nativas. Tratava-se de uma terra rica em biodiversidade suficiente para a convivência entre esses povos e a natureza que os cercava, ambos usufruindo de tudo aquilo que a Baía e seu entorno poderiam oferecer. Mesmo que com poucos relatos desse período a.p (antes dos portugueses), podemos tomar conhecimento de como aqui viviam seus primeiros habitantes, como se organizavam seus hábitos, sua cultura, seus embates e suas tradições. Supõem-se que aqui na Baía de Guanabara houve inúmeras modificações territoriais por fatores climáticos e ambientais até chegarmos na forma em que os portugueses a encontraram.

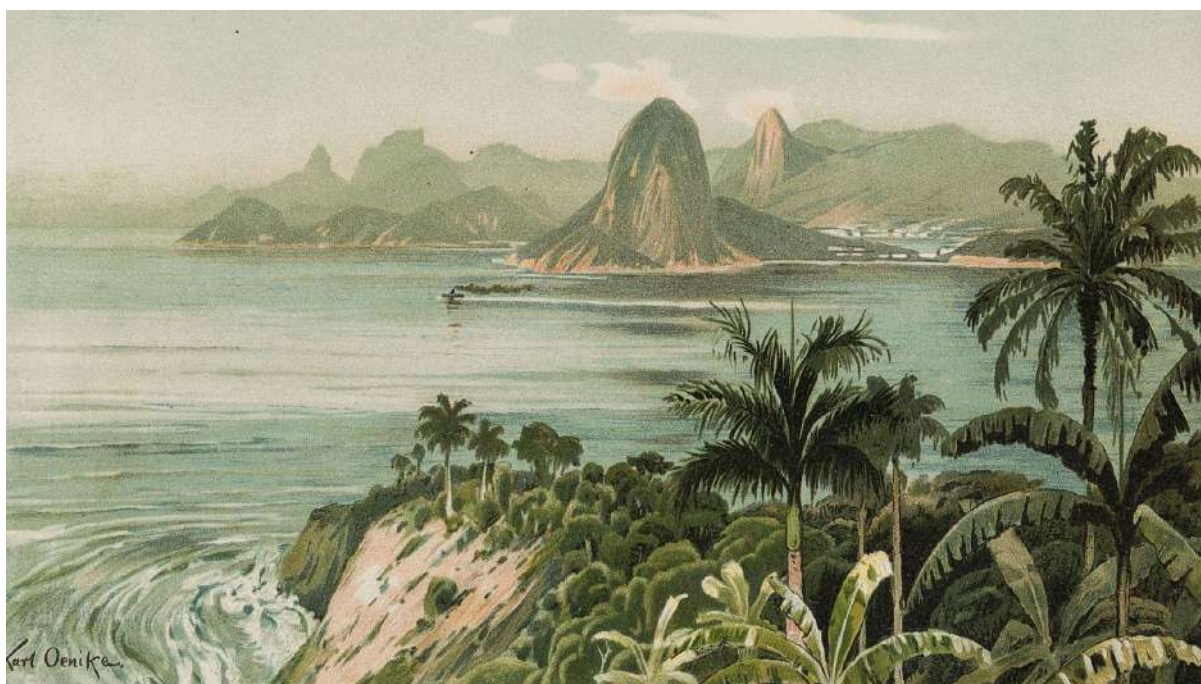


Figura 1 - Acervo Instituto Moreira Salles

Guanabara: "O seio de onde brota o mar"

Há pelo menos mil anos antes da chegada dos europeus, a Guanabara era habitada. Nossos antepassados teriam vindo de um mesmo povo, um mesmo tronco linguístico tupi-guarani, que mais tarde viriam a se separar em grupos independentes migrando pelas diversas regiões do país, até alcançarem o litoral do Brasil, descendo do Nordeste em direção ao Rio de Janeiro. Chegaram ao litoral, os tupinambás, que tinham tendência expansionista, tradição guerreira e domínio da agricultura, fato que os deixavam em vantagem em comparação aos outros povos, por isso, tiveram êxito na conquista e estabilidade na costa brasileira. Eram um povo religioso que seguia afincos seus ritos e tradições, contadas por meio de seus anciãos.

Desse povo, surgiram várias aldeias independentes que passaram a habitar diferentes regiões da Guanabara. Estima-se que havia ali cerca de 40 aldeias fortificadas que abrigavam entre 15 a 20 mil indígenas. Sabemos da existência desses povos principalmente pelos registros dos europeus, navegantes religiosos, estudiosos, artistas, escritores, entre outros que compartilhavam suas descobertas desde o primeiro contato com essa cultura totalmente distinta.

A primeira aldeia a ser registrada da Guanabara foi a comunidade Karioká, pelo francês Jean de Léry (1536 – 1613). Habitavam em suas margens por gerações e fez a cidade herdar seu nome durante a ocupação.

Para chegar ao riacho de águas transparentes da aldeia karioka, percorria-se de canoa a torrente, passando por manguezais e pequenas lagoas. A viagem seguia por mais alguns minutos até os terrenos mais elevados onde começava uma trilha que entrava pela mata e, em algumas partes, era preciso subir entre raízes e pedras. O caminho rebaixado por dentro da floresta finalmente levava as estacas de proteção que marcavam o início das defesas da mais famosa aldeia do rio de janeiro. (FREITAS, 2015, p.18)

O Novo Mundo: As grandes Navegações e o domínio Europeu

Com objetivo de descobrir novas rotas para as Índias e novos territórios, alguns países europeus lançaram-se nos oceanos. Durante os séculos XV e XVI, esses países buscavam lucrar com o comércio oriental além de encontrar novas fontes de matéria prima, metais e produtos exóticos em terras desconhecidas. Portugal, geograficamente bem localizado, foi pioneiro na empreitada e colocou sua experiência náutica em prática com objetivo de avistar novas terras. Em abril de 1500, finalmente chegam no litoral brasileiro as caravelas de Pedro Álvares Cabral, mudando o cenário mundial e mudando o destino de Portugal para a maior potência econômica da época.

A chegada dos portugueses marca o início de uma época das maiores transformações territoriais, ambientais e sociais da Baía de Guanabara.

A história da Baía pode ser reconstituída pelos registros dos europeus que ali chegavam. A partir de desenhos, mapas, textos e pinturas produzidos, podemos reconstituir sua trajetória ao longo dos últimos cinco séculos, registrando as transformações pelas quais ela continuou passando. Em 1º de Janeiro de 1502, quando os navegadores portugueses Gaspar Lemos e Gonçalo Coelho chegaram à baía, a Mata Atlântica cobria 97% do território do litoral. À medida que os colonizadores foram chegando, avistaram uma fartura de produtos que mais tarde viriam a enriquecer – e muito! – a coroa Portuguesa. O primeiro deles a ser rapidamente explorado e que já provocou uma mudança rigorosa na paisagem carioca foi a extração desenfreada do pau-brasil. O primeiro contato com os nativos foi proveitoso. A boa convivência com os índios traria bons frutos aos portugueses, que contaram com ajuda e conhecimento do território, além de mão-de-obra na extração da madeira e em seu transporte, em troca de quinquilharias como espelho, metais etc. Usado para fazer móveis finos e extrair corante de sua seiva, encontraram no pau-brasil uma verdadeira mina de ouro, tornando-se tão importante para a coroa, que dali foi dado o nome ao nosso país, em 1530.

Só a partir de 1531 ocuparam e povoaram de fato a orla, pelas ameaças de invasões estrangeiras, principalmente francesas e pelo declínio do comércio das Índias. Para garantir seu domínio, Portugal dividiu o Brasil em quinze capitanias, cada uma entregue a um membro da pequena nobreza, que deveria desenvolver e torná-las lucrativas para a coroa. A grande Capitania de São Vicente, que tinha como uma pequena parte a região Rio de Janeiro, tinha como donatário Martim Afonso de Sousa. Esquecida e não-povoada, a região da Guanabara foi alvo de diversas tentativas de invasão pelos franceses até que, em 1555, foi enfim dominada e chamada de França Antártida.

Em 1º de março 1565, Estácio de Sá funda o Rio de Janeiro a fim de tentar garantir o controle e poder da cidade e expulsar de vez os franceses da Guanabara. Em 1567, temiminós unem-se aos portugueses contra o domínio francês da Guanabara, iniciando assim período de grande disputa da mesma. Os franceses então recorreram ajuda da Confederação dos Tamoios, povos que andavam insatisfeitos com a presença portuguesa, em especial a algumas tentativas de escravização indígena. A guerra dos tamoios, como ficou conhecida, expulsou os franceses da baía e dizimou o mais organizado movimento de resistência indígena do período colonial. Alguns anos depois, em 1573, os vitoriosos temiminós expandem-se pro outro lado da Baía, a fim de proteger o território, onde Araribóia funda a atual cidade de Niterói.

Como vimos aqui, a importância da Baía era tamanha que o interesse em conquistá-la resultou em diversas investidas e invasões dos demais países ao longo da sua história. Sendo assim, havendo uma necessidade em melhorar suas defesas, foram construídas fortalezas em seu litoral, e algumas bem no meio do mar, como no caso do Forte Laje, localizado na entrada da Baía de Guanabara, mais conhecida como a boca da Barra. Feitos com blocos de pedra imensas e maciças, unidos ao óleo de baleia, os fortes do Rio representam um dos mais valiosos exemplares da arquitetura luso-brasileira, tornando a cidade mais bem defendida da América Latina. Hoje tombados pela UNESCO como patrimônio histórico e arquitetônico da cidade e do país, marcam um passado de lutas e conquistas e também o surgimento de uma identidade miscigenada, entranhada em nossa identidade. São 12 fortificações, sem contar com as de fora da barra, que carregam os traços de diversas culturas que recontam a trajetória do país.

Na primeira metade do século XVI era principalmente ocupada pelos índios tupinambás, diferente da sua outra metade, caracterizada por grande desenvolvimento urbano e econômico, e de ocupação portuguesa, resultando em importantes mudanças sócio-espaciais. A partir da segunda metade do século XVI e durante o século XVII que a BG presencia mais uma mudança drástica em sua forma original. O cultivo da cana de açúcar, muito bem sucedido no nordeste, substituiu o pau-brasil, tornando-se a principal atividade econômica da colônia. Os rios tiveram papel importante de escoamento desse açúcar, resultando na ocupação das demais regiões à sua volta, com o desmatamento para adaptação do solo para a monocultura de cana e produção de açúcar, mudando o cenário da Guanabara. Os portugueses destruíram a maior parte da mata atlântica, mudando o curso de rios, aterrando lagoas e mangues, construindo engenhos e estradas, tudo adaptando a região para a lavoura. Por outro lado, a produção açucareira impulsionou o desenvolvimento do Rio, tornando a cidade um centro portuário e comercial importantíssimo. Dessa forma, Portugal passou a ser o maior exportador de açúcar do período, e por fim, uma das maiores potências econômicas da época.

Ao mesmo tempo, Portugal já vinha encontrando outra fonte de extremo lucro em suas colônias já estabelecidas no continente africano. Homens e mulheres foram trazidos à força em navios negreiros abarrotados de gente e péssimas condições. Foram 12,5 milhões de pessoas vindas da África e calcula-se que um terço foi para a América Portuguesa. O tráfico negreiro passou a intensificar-se bem no período da monocultura de cana-de-açúcar, com a necessidade de mão de obra para engenhos, além de outros trabalhos que envolviam a casa grande. Possuir muitos escravos era símbolo de prestígio e poder social, reconhecidos como mera mercadorias pertencentes aos seus senhores, podendo ser vendidos, alugados e leiloados. Foi o trabalho forçado e não remunerado do africano que garantiu ao consumidor europeu o acesso aos metais preciosos, açúcar, café entre outras fontes de riqueza produzidas nas colônias, por muito tempo.

Chegaram vivos a América cerca de 10 milhões de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX. Desses, 40% vieram para o Brasil, 60% destes entraram pela Baía de Guanabara. Significa que o Rio de Janeiro, em quatro séculos de tráfico negreiro, recebeu 2,4 milhões de africanos. Isso torna a cidade o maior porto escravista da história da humanidade.

No século seguinte, o valor da Baía de Guanabara fez da cidade do Rio de Janeiro a capital da colônia. O ciclo do ouro foi um período de expansão dos portugueses para dentro do território, fazendo-os encontrar ouro e pedra preciosas trazidos de Minas Gerais para o Rio, a Baía era a base portuária para operações comerciais entre Brasil e Portugal. A grande movimentação de navios e a zona portuária em crescimento interferiram ainda mais na biodiversidade local, onde baleias não eram tão mais avistadas em seu antigo reduto.

Na segunda metade do século, a cana foi substituída pelo café, que teve seu apogeu na primeira metade do século XIX.

Nada foi tão impactante quanto o século XIX para o Rio: A primeira cidade a se urbanizar no Brasil. Com a vinda da corte ao Brasil, acreditava-se no nascimento de um novo império, rico

em recursos naturais para serem explorados e, dessa vez, aberto os portos para as nações amigas, aproveitados pela colônia e principalmente pela cidade, que era a mais populosa e a mais importante economicamente. Dali, a cidade passou a se desenvolver drasticamente com o crescimento populacional e por consequência urbano, deslançando a construção de prédios, estradas, universidades, monumentos, trazendo saneamento, iluminação, pavimentação, tudo baseado na moda europeia. A administração do Brasil passou a vir diretamente para o Rio e, com isso, a formação de ministérios e repartições públicas e o desenvolvimento do comércio geraram empregos e fizeram a cidade mudar de feição. A cidade passou a ser um novo ponto atrativo para cientistas, artistas, escritores e estudiosos europeus. Época em foram criados diversos bairros, como Glória e Botafogo, a Escola Imperial de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e Jardim Botânico, por exemplo. A Baía de Guanabara então sente as consequências desse avanço, por conta dos aterros, do desmatamento, do consumo e do saneamento da cidade, cada vez mais densa e pouco adequada a tamanho crescimento.

Com a abolição em 1888, houve o incentivo para a entrada de imigrantes europeus a fim de substituir a mão de obra escrava e embranquecer a nação. Fugindo de sua terra natal por conta de conflitos políticos, e principalmente em busca de oportunidades de trabalho, suíços, italianos, portugueses e alemães desembarcavam nos portos do Rio, uns indo em direção a outras regiões do país e outros ocupando alguns bairros da cidade.

Desenvolvimento urbano na Guanabara

A Proclamação da República em 1889 fez igualmente a população carioca triplicar, transformando a sociedade, dando a ela uma forma heterogênea e separando fortemente as classes sociais cariocas. O desemprego, a violência, o aumento das condições insalubres com precário abastecimento de águas, saneamento e higiene, a formação dos cortiços entre outras mudanças no entorno, intensificaram a degradação da Baía de Guanabara. Mais tarde, a modernização da cidade e a vinda desses imigrantes transformaram o centro, derrubando cortiços e expulsando seus moradores para as periferias a fim de implementar uma reforma urbana que reproduzisse uma estrutura similar ao que se encontrava na cidade Paris. Houve aterros, canalizações de rios, formação de novos bairros, medidas que interferiam na forma natural da baía e desregularam ainda mais todo o ecossistema a sua volta.

O século XX presenciou a reurbanização da cidade, com a modernização do porto e com a implementação de políticas higienistas como o saneamento básico e o deslocamento da elite carioca para os novos bairros na Zona Sul. Foi neste século que a cidade ficou conhecida mundo afora, pelas suas paisagens inconfundíveis, sua cultura, música, sua gente e onde concretizou o título de cidade balneária. Foi construída a Av. Rio Branco, entre outras estradas e túneis, assim como teatros, universidades e também algumas estruturas como o Cais do Porto, pondo abaixo edificações tradicionais a fim de tornar o Rio uma capital moderna. Com a Revolução de 1930, a modernização continuou com a construção dos primeiros arranha-céus e a formação das primeiras grandes favelas do Rio. A cidade passou a sofrer as consequências de uma urbanização desenfreada com a poluição, grande número de veículos e circulação de pessoas, ruídos, superlotação, entre outros transtornos urbanos.

A construção de instalações importantes como Aeroporto Santos Dummont, localizado sob o aterro do Flamengo, como também a Ilha do Fundão, formada a partir do aterro e reunião de várias pequenas ilhas da Baía de Guanabara. A ilha artificial tinha por objetivo abrigar os novos prédios da Universidade Federal do Rio de Janeiro e recebeu o nome oficial de Cidade Universitária.

Em 1960, ocorreu um duro golpe para a cidade: o governo do presidente Juscelino Kubitschek transferiu a capital nacional para a cidade recém-construída de Brasília, no Planalto Central. A cidade, agora com o título não mais de Distrito Federal, mas de Estado da Guanabara, ainda continuou a realizar grandes obras, como o Museu de Arte Moderna (1958), o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra (1960) e o Parque Brigadeiro Eduardo Gomes (1965), porém a perda do *status* (e dos recursos) de capital federal provocaram uma visível decadência econômica. As três obras acima citadas foram edificadas sobre um aterro sobre as águas da Baía de Guanabara feito com material proveniente do desmanche parcial do Morro de Santo Antônio, no Centro, o mesmo morro que ainda abriga o Convento de Santo Antônio.¹

As migrações nordestinas também começaram a se intensificar no mesmo período. Entre as décadas de 1950 e 1970, com o auge da industrialização no Brasil, houve a modernização dos campos, substituindo o trabalho manual pelas máquinas, trazendo desemprego e miséria para a população do Nordeste do país. À procura de melhores condições e fugindo da seca, muitas famílias recorreram às cidades mais desenvolvidas, sendo uma delas o Rio de Janeiro, o que causou a superlotação da cidade e intensificou a ocupação da região metropolitana fluminense. O êxodo rural, que consiste nessa migração em massa do campo para regiões urbanizadas, contribuiu para a favelização da cidade e este fato está diretamente ligado à degradação, poluição e mau uso da Baía de Guanabara. A fim de interligar os municípios à metrópole, foi nesse período que construíram também a ponte Rio-Niterói, uma das rodovias mais importantes do país. Fundiram o então Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, tornando o município do Rio capital do estado.

Do surgimento dos primeiros povos gozadores da Baía de Guanabara, com a formação das tribos e aldeias, as diversas disputas indígenas e as tentativas de invasão com batalhas navais entre europeus, a chegada dos imigrantes e a formação do Brasil e da cidade do Rio, com o avanço populacional desenfreado, a industrialização, a mudança da paisagem acompanhando os diversos cenários aqui já presentes, a Baía foi palco de grandes marcos históricos muito voltados para seu domínio e exploração. Estes marcos praticamente só usufruíram, extraíram, degradaram, sem dar nada em troca.

Uma Baía resistente: Os diversos problemas da Guanabara

Após um período político intenso no Brasil, com a ditadura sendo o governo vigente por um tempo, a volta da democracia esperava dar à cidade uma recuperação positiva, porém a mesma não acompanhou o seu crescimento desenfreado, aumentando suas zonas periféricas, se

¹ "A cidade do Rio de Janeiro no século XX/Segunda metade do século XX" Disponível em https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX Acesso em 20 Jun, 2019.

expandindo para outras áreas e então definindo oficialmente seus limites. O aumento da poluição, a desigualdade social e a violência, a falta de amparo público sobre os direitos do cidadão e principalmente a falta de interesse em manter e criar políticas sustentáveis para uma baía hiper-explorada e utilizada apenas afirmavam o caos que aqui se instalaria, bem no meio de uma das maiores metrópoles do país e da América Latina.

A Baía de Guanabara é destinada a ser usufruída de diversas formas e se faz muito presente no dia a dia das pessoas, principalmente daqueles que vivem na região de Niterói-São Gonçalo, que atravessam diariamente a baía para exercerem suas atividades no Rio ou em outras cidades vizinhas. Por dia, são mais de 150 mil passageiros que atravessam a ponte Rio-Niterói e 73 mil passageiros atravessam a Baía pela água de barcas. Também podemos citar aqueles que exercem alguma atividade remunerada na própria, como a pesca e outros serviços ligados às estações petrolíferas e pequenas indústrias, sendo o segundo maior parque industrial do país, entre muitos outros cargos associados. Além disso, suas águas reúnem práticas de lazer, com os diversos passeios que fazem valer a pena ver a cidade através de outro ponto de vista, e do esporte como a vela, canoa havaiana e demais modalidades.

Hoje enfrentamos problemas que, como aqui mostrados, vem ao longo dos séculos enraizando o futuro triste da Baía de Guanabara. Representando um ambiente com seu ecossistema altamente urbanizado, a paisagem atual é uma mistura de beleza natural e caos urbano, acompanhado das oportunidades e problemas trazidos por ele.

Dentre os principais problemas, a poluição com certeza é resultado do descaso e falta de interesse do governo em criar políticas públicas que promovam a revitalização da Baía, assim como a fiscalização das indústrias que usufruem diariamente e incansavelmente de seus recursos. O poder público deveria promover a educação da população dos municípios que são banhados por ela, junto ao desenvolvimento de infraestrutura, como saneamento e postos de tratamento de esgoto, além de projetos sociais que incentivam sua proteção e permanência.

Políticas de Proteção

Os primeiros movimentos de proteção ambiental surgiram no séc XVII a favor da defesa dos manguezais. Hoje, A Baía conta com 27 unidades de conservação municipal, estadual e federal, sendo a mais famosa a APA de Guapimirim.

Fruto de um movimento ambientalista, a Área de Proteção Ambiental de Guapimirim foi criada a fim de proteger os manguezais remanescentes da Baía de Guanabara assim como garantir a sobrevivência dos grupos sociais tradicionais que vivem dos recursos ali presentes.



Figura 2 - fonte:

Wordpress

Mesmo com tentativas e projetos para amenizar os efeitos negativos sobre a Baía de Guanabara, é difícil controlar e reverter a situação. Dentre os maiores poluentes, além do petróleo e metais pesados despejados pelas indústrias, são 90 toneladas diárias de lixo flutuante que degradam a sua paisagem. Trazidos pelos rios que desaguam ali, o volume é muito superior à capacidade de coleta. Alguns projetos paliativos do governo, como as ecobarreiras muito vistas na Ilha do Fundão, por exemplo, se resumem em apenas simular a preocupação com o problema, visto que não são eficientes para essa realidade. O despejo do chorume pelos lixões e aterros controlados e o mercúrio caracterizado por seu elevado risco ambiental e causador de desequilíbrio ecológico ajudam a danificar ainda mais a saúde de 8,4 milhões de pessoas que têm contato direto com essa água altamente tóxica. A cada segundo, 18 mil litros de esgoto chegam em suas águas sem o tratamento necessário, sendo do total apenas um quarto é efetivamente tratado.

A poluição da Baía de Guanabara afeta principalmente a população do Rio de Janeiro, que perde a oportunidade de desfrutar do maior patrimônio ambiental, turístico e cultural da cidade. A sua degradação ambiental é consequência de uma mazela ainda maior: a precariedade habitacional de milhões de pessoas de baixa renda. O compromisso de transformar essa situação deve ser com a população. (ALENCAR, 2016, p.15)

Desde o Brasil Colônia a Baía de Guanabara faz parte do sustento de muitos pescadores que dependem de seus recursos naturais. Hoje, 44% de sua área é ocupada pela indústria do petróleo, sendo o principal apoio de embarcações de alto mar ou até de indústrias locais e de pequeno porte. Assim, é utilizada por diversas atividades tornando a pesca o segundo plano nos interesses governamentais, o que causa efeitos negativos e irreversíveis na vida dessas pessoas que devem disputar espaços cada vez menores para a subsistência, bem como lidar com a poluição que compromete a qualidade e a quantidade dos peixes. Contudo, em certos lugares os pescadores ainda buscam sobrevivência, com estilo de vida ainda predominantemente do mar, seja nas ilhas da Baía, nas ilhotas ou no litoral, nos mangues.

Pescadores brasileiros, filhos da Guanabara, [...] defendei as vossas águas e as vossas ilhas, porque elas são as vossas fontes de subsistência e, sobretudo, riquezas patrimoniais do Brasil. (MAGALHÃES, 2017, p. 316)

A crise econômica, que atingiu o país e ganhou força em 2015, distanciou ainda mais os recursos destinados a obras de saneamento do entorno da Baía. O investimento que já era escasso se tornou ainda mais prejudicado pela falta de cuidado da justiça em exigir metas e prazos com as obras de saneamento e revitalização, abandonadas por seus políticos responsáveis. É difícil entender que, mesmo depois de tanto tempo de história, com diversos governos e modelos políticos no país, a Baía de Guanabara continuou sendo explorada desta forma, com o mesmo descaso de sempre e, infelizmente, ainda não presenciou uma administração eficiente e o devido cuidado.

O problema da Baía de Guanabara não é uma questão que vai ser resolvida do dia pra noite: precisa-se de ações a longo prazo para uma mudança concreta. Além do poder público, cabe à população cobrar e exigir sua despoluição e valorização como qualquer demanda social. Há exemplos de despoluição bem sucedidos mundo afora que poderíamos seguir e tornam possíveis nosso sonho de uma Baía limpa, se todos, juntos, lutarmos a seu favor.

Com finalidade de abranger a maior quantidade de pessoas, trazendo questionamentos dentro da realidade de cada um, o projeto surge para impactar, apropriar e dar identidade às cidades do entorno da Baía e chamar atenção para o futuro – não tão distante – de uma Baía apenas contada em histórias. Pensando assim, num país muito impactado pela desigualdade social em que a própria Baía é um cenário explícito da realidade do Rio, é importante pensarmos a arte de forma democrática e de fácil acesso.

Arte Urbana

Dá-se o nome de arte urbana a toda expressão artística que se desenvolve nos espaços urbanos, principalmente nas grandes metrópoles. É uma expressão visual contemporânea que aborda temas polêmicos como política, religião e a própria sociedade capitalista,

muitas vezes colocados em forma de protesto e denúncia. Estar em toda parte da cidade a torna democrática e acessível a todos independente da condição econômica-social, além de modificar e dar identidade ao espaço público, retratando o cotidiano e pensamentos da cultura urbana. Sua forma e expressão batem de frente com a paisagem de concreto das cidades, fazendo assim ser percebida a todos aqueles que passam por ela, todos os dias.

Nos dias atuais, o conceito de cidade não só interessa aos governantes, arquitetos e engenheiros, mas também envolve a sociedade como um todo e entre ela, encontram-se artistas e jovens criativos vindos de uma geração com excessivo acesso à informação. O surgimento da internet possibilitou esse novo mundo de possibilidades, onde somos capazes de acessar a pluralidade de estilos artísticos e referências que estão florescendo ao redor do mundo. Estes jovens que vivem nesses ambientes urbanos, com todos os seus problemas e características, nas cidades volumosas e entendendo toda a troca e fluxos que ali ocorre, enxergam como esses espaços possuem múltiplas possibilidades de exposição para suas criações e engajamentos. "A cidade então se torna a maior área de atuação e expressão da atualidade." (GESTALTEN, Urban Interventions, 2010. pg 03)

Todas essas formas culturais de engajamento com o espaço urbano é diferenciado pelo princípio da desobediência contra a aceitação da prática de dominação espaço-social. O artista não aceita a cidade como é, mas quer criar seu próprio espaço, seu próprio ambiente e por consequência sua própria cidade. (FREIRE, 2016, p.9)

Desde a pré-história há necessidade do homem de retratar sua realidade e se fazer presente em seu espaço, usando a superfície das parede para expressar ideias, emoções e crenças. Um exemplo são as pinturas rupestres nas cavernas, nos locais onde povos primitivos viviam. Outro exemplo são as escrituras encontradas nas primeiras cidades do mundo, como Pompeia, com escritos de protestos e declarações eternizadas em suas construções de pedra. Em todo mundo já havia uma necessidade de manifestação do indivíduo nos espaços públicos.

A arte urbana, tal qual como conhecemos, vem principalmente como resultado da emergência da arte contemporânea, sobrepondo aos preceitos da arte moderna. O século XX foi marcado por inúmeras transformações sociais, dentre elas a adoção de novas posturas sobre a arte que alinhavam-se aos avanços das tecnologias emergentes. Foi neste contexto entre e pós-guerras mundiais que a arte toma um novo rumo, rompendo com os ideais modernos, indo além dos padrões tradicionais e dando espaço a novas expressões, tendo como um dos principais questionamentos a ideia de reavaliar os espaços institucionais dedicados à exibição da mesma.

O caráter plural da arte contemporânea capaz de conciliar diversas linguagens distendeu o seu suporte tradicional para uma escala urbana. A adoção destes espaços da vida cotidiana revela a vontade de reaproximação entre o sujeito e o mundo. A arte pública terá papel relevante neste processo, tendo em vista a sua inserção na cidade (agora lugar-realidade) e a sua relação direta e imediata com os transeuntes (agora o público de arte). (CARTAXO, 2009, p.3)

Dentre os outros movimentos que alinhavam-se à ideia contemporânea, como a arte conceitual e o expressionismo abstrato, a arte urbana se encontra tão imersa nas cidades que se torna parte do cotidiano, interage de tal forma com seu público que faz da sua compreensão e influência uma resposta inacessível ao artista, carregando em si sua efemeridade e uma reflexão estética mais ampla para sua obra. Deste modo, o movimento foi se proliferando e deixando sua marca progressivamente em diversos estilos e técnicas pelo mundo afora. Nas últimas décadas, qualquer superfície urbana era alvo de alguma intervenção.

Quando a arte deixou o museu em busca de um público maior, tornou, conseqüentemente, e de forma mais incisiva, 'pública' a presença da arte e do artista. O artista 'público' contemporâneo trabalha *in situ*, ou seja, analisa meticulosamente as condições do lugar (a escala, o usuário e a complexidade do contexto), visto que o sucesso da obra depende da recepção do observador. Com isto, o artista ampliou seus meios e passou, também, a construir incorporando novas fontes de referência como a ciência, a biologia, a construção, a iluminação, a decoração, o som, a moda, o cinema, os computadores etc. (...) Os limites entre a arte e a arquitetura tornam-se difusos à medida que, tanto uma quanto outra, inspiram-se na experiência física do sujeito determinada pela natureza do lugar. (CARTAXO, 2009, p.73-79)

Arte Urbana no mundo

O modelo de arte urbana, da forma que conhecemos, surgiu em meados da década de 1970, em Nova York, com a emergência da cultura do hip-hop, uma manifestação do negro norte-americano para lutar contra o racismo e desigualdade social. Nasceu diretamente das periferias, onde há uma realidade de pobreza, violência e geralmente uma área marginalizada e esquecida pelo poder público. Tratava-se de uma arte ao mesmo tempo transgressora, pois não haveria permissão para ser executada, invadindo a propriedade privada e se tornando um ato político e ao mesmo tempo, marginalizado.

Foi ganhando força na Europa como forma de protestar contra os regimes governamentais do período ou até se manifestar socialmente em prol de um determinado grupo social. A arte urbana se espalhou e conquistou o mundo todo principalmente nas décadas de 1980 e 1990, atraindo em especial as grandes cidades do ocidente, quando finalmente ganhou espaço em meio às artes plásticas.

O artista independente usa a rua como suporte, onde não somente são os muros os protagonistas e sim a cidade como um todo: postes, calçadas, transportes, viadutos, etc. Sendo assim, é também uma forma de protesto contra a própria arte tradicional: não possui padrão estético, desburocratiza e sai das galerias para ser consumida gratuitamente, tornando-se efêmera e dinâmica.

Dentre as principais técnicas e formas de arte urbana estão a pichação, com as "TAGS" ou assinaturas e rubricas em caligrafias elaboradas de difícil compreensão, considerada o ato mais vandalizado e entrando com frequência em muitas discussões do estilo. O grafitti,

desenhos feitos com a tinta e spray, sendo usado igualmente para a técnica do estêncil, que consiste numa máscara ou molde com o desenho vazado para aplicação da tinta. Já os Stickers, são adesivos de pequena escala de material vinílico e o lambe que caracteriza-se por um posters de papel com a arte impressa ou feita manualmente, colados com diversas camadas a base de cola e água. Podemos também acrescentar as performances, como as estátuas vivas e instalações. Hoje, podemos dizer que se trata de qualquer forma de manifestação artística realizada na rua.

Arte Urbana no Brasil

A arte urbana no Brasil, inspirada até então pelos EUA, serviu como voz em oposição aos problemas sociais e econômicos do período, tendo como ponto inicial as pichações de protestos contra a ditadura militar, o modelo político da década de 1960, com frases estampadas nos prédios e fachadas a favor da liberdade de expressão e uma convocação à luta armada contra a tortura, censura e o imperialismo norte-americano.

Na época, haveria um certo isolamento cultural do Brasil a âmbito mundial, por conta da distância geográfica dos países em que o novo movimento emergia, como nos Estados Unidos e Europa, o que favoreceu o surgimento de estilos inovadores, também como resposta a falta de interesse, investimentos e apoio. Por ser um país com muitos problemas enraizados, onde a desigualdade social, a miséria e pobreza são crônicas, o povo brasileiro se mostrou resiliente e adaptável a sua realidade, refletindo também em sua arte, o que passou a torná-la mais vibrante e única.

Os artistas brasileiros não esperavam reconhecimento, apenas o fazer da arte já bastava, mesmo colocando-se em risco, tendo em vista o momento político que desafiavam. Teve seu ápice na década de 1970 para 1980, logo após o enfraquecimento da ditadura, com um certo estilo "tropical", um novo colorido e que passou a chamar atenção do resto do mundo. Influenciados também pelas outras produções artísticas do período como a música, a cultura popular da MPB e outros movimentos nacionais como a Tropicália, o grafitti brasileiro tomou sua própria forma e inovou em suas técnicas e expressões. O período foi marcado por um país pró-democracia onde a arte de rua, principalmente espalhando-se por São Paulo, mostraram-se cada vez mais ao público. Havia um desejo natural de personalizar e atribuir um estilo individual que acabou servindo de inspiração para muitos artistas internacionais que por ventura, teriam contato com o que estava acontecendo por aqui.

Alguns coletivos de grafitti foram formados, intervindo na paisagem da maior metrópole do Brasil e assim ganhando espaço dentro das Bienais de SP que, posteriormente, vinham a ganhar visibilidade internacional.

A década de 1980 já presenciou um período de maior abertura, levando a uma intensificação da produção artística nas grandes cidades do país. As pichações tornavam-se mais agressivas e irreverentes a medida que um movimento multicolorido passou a evoluir e conquistar mais espaços. A "arte livre" com exuberância e traços amadores refletiam o estilo gráfico da época, em uma cidade em que a maior parte da população não tinha acesso a museu e galerias, dando então essa possibilidade

principalmente a população periférica. Foi uma época marcada por muito otimismo e entusiasmo que gerou um crescente interesse em mais adeptos a arte de rua brasileira, chamando agora atenção também para a mídia, sendo propagada a ideia de ser prova da democracia e liberdade, depois de tantos anos de opressão e mudando a visão do demais sobre a arte das ruas.

Ao mesmo tempo, a década presenciou a nova cultura do Hip-hop nas ruas de Nova Iorque, que adentrou o mundo da arte urbana e criou um novo movimento. No Brasil, o hip-hop foi rapidamente acolhido por apresentar contextos parecidos da população periférica, negra e marginalizada, por abordarem questões de protestos sociais como anti-racismo, se adaptando às expressões artísticas das periferias do país, construindo uma linguagem própria da arte urbana dentro da realidade brasileira.

Técnicas manuais, como posters, adesivos, mistura de projetos digitais e manuais espalhados pela cidade, assim como re-uso de certos materiais e intervenções em obras já feitas, retratam a nova forma da arte urbana brasileira. Hoje, é tido como referência mundial, trazendo uma rica e particular forma, com uma infinita diversidade de estilos. Para alguns artistas, São Paulo superou Nova Iorque em sua originalidade, tornando-se nas últimas décadas santuário do grafitti para o mundo, tendo como visitantes diversos artistas em busca de inspirações e técnicas revolucionárias. A arte urbana no Brasil vem florescendo ainda mais, apresentando características diferentes de uma cidade para a outra. Dentre as principais, podemos destacar Rio de Janeiro, Olinda, Recife, Belo Horizonte e claro, São Paulo. Ainda assim há repressão por desafiar os limites da propriedade privada, mesmo que hoje encontramos esse estilo nos principais meios de comunicação e das artes e que hoje fazem parte da sociedade contemporânea.

Naturalmente, a evolução da arte de rua acompanhou as transformações ocorridas no âmbito social, econômico e tecnológico da sociedade com desdobramentos em outras modalidades e técnicas dentro da mesma manifestação artística, proliferando em estilos e linguagens que mais tarde passariam a fazer parte do cotidiano da população e entraram no imaginário coletivo visual e estético da sociedade.

Inspirados nos múltiplos materiais e formas encontradas na arte urbana dos dias atuais, a ideia do projeto se dá pelas diversas possibilidades de experimentação que o momento propõem. Uma forma inovadora de utilizar uma linguagem emergente na qual o Brasil está se tornando referência mundial. Nesse contexto, o uso do design têxtil e da estampa também está sendo consumido cada vez mais, onde a mesma atribui aos espaços novos significados e questões, acessível a toda sociedade por sua superfície ocupar o espaço público. Os padrões, facilmente reconhecidos pelas suas características e estilo, trazem também uma certa unicidade aos ambientes e realidade que serão expostos: A identidade do meio e dos indivíduos das cidades banhadas pela Baía de Guanabara em prol de uma valorização do sentimento de pertencimento e da proteção do meio-ambiente.

Design de Superfícies

O termo Design de Superfície foi legitimado, no Brasil, como um campo do Design apenas em 2005, pelo CNPQ. De acordo com Rubim (2004) e Rüttschilling (2008), "Design de Superfície é uma tradução de Surface Design, expressão da língua inglesa e que denomina a associação de profissionais americanos do setor, direcionada ao segmento têxtil"

Assim como a arte urbana, da forma que a conhecemos hoje, foi surgindo em meio aos avanços tecnológicos do mundo capitalista, o design de superfícies acompanhou processos similares por ser concebido, na verdade, desde as primeiras civilizações como forma de manifestação e interação do homem com o espaço. A estamparia surge nos povos mais primitivos, através de diversas técnicas e aplicações que vemos até os dias atuais. São tapeçarias, vestuários, murais, entre outras manifestações em superfícies que faziam parte da realidade da sociedade e de seus artefatos, carregando uma função simbólica atrelada a uma necessidade estética de enfeitar, dar forma e cores, e atribuir um valor de identidade, se prestando como referências para diversos grupos sociais e diferentes momentos históricos.

A influência sociocultural é um fator que define com precisão os motivos estampados no tecido, assim como os aspectos relacionados à etnia, costumes e tradições. (CHATAIGNIER, 2006, p.81)

Para Rüttschilling (2008, p.23), "o design de superfície é uma atividade criativa e técnica que se ocupa com a criação e desenvolvimento de qualidades estéticas, funcionais e estruturais, projetadas especificamente para constituição e/ou tratamentos de superfícies, adequadas ao contexto sócio-cultural e às diferentes necessidades e processos produtivos."

Assim, a superfície, por meio de toda sua propriedade tátil, é capaz de transmitir informações que se propagam através do trabalho do designer em um conjunto de significados, códigos e conceitos atrelados a cultura em que o indivíduo está inserido.

A Pós-modernidade inaugurou um novo cenário para o mundo através da industrialização e da globalização. Enfeitar as superfícies agora passou a ter função de tratamento, embelezamento, revestimento, sendo o primeiro contato do usuário com o objeto. Tem como finalidade reforçar as interações entre produto-usuário, ocorrendo uma troca de significados e configurando-se como um elemento comunicativo do produto. O design de superfície passa a ser uma atividade projetual pensada em suas diversas atribuições como texturas, relevos, cores e formas, relacionando-se às estéticas simbólicas e práticas dos objetos.

Tendo uma variedade enorme de formas e técnicas de aplicação, o design de superfície se divide em algumas principais categorias. Dentre elas, podemos citar design têxtil, o de papéis, o cerâmico, o de plásticos, emborrachados, sobre os utilitários (ex. louças), podendo também servir como complemento ao design gráfico, às estratégias de marketing

e na própria arquitetura. Cada uma destas formas apresentam características próprias e complexas para sua projeção e execução, assim como há uma necessidade do entendimento de designer de superfície sobre particularidades do público que deseja impactar.

Estamparia

A estamparia como uma agregadora de valor visual e decorativo de um objeto, carrega em si uma identidade, uma personalização da marca ou de uma coleção. "Por meio da estética, de formas e cores, inseridas em um contexto sociocultural no tempo e no espaço, as estampas carregam consigo um repertório de significados que são capazes de se tornarem referências ou identidades para grupos sociais." (PEREIRA, 2010, p.8)

A estampa retrata o pensamento, os costumes e tecnologias da época em que está inserida. Muitas vezes eram usadas para representar privilégios sociais, causar diferenciação do indivíduo, fazendo parte de rituais e da cultura de cada povo, carregando de certa forma uma importância histórico-cultural para nós.

Antes mesmo de se manipular o tecido para fabricação de roupas, já existiam padronagens em pinturas rupestres e corporais. Depois da evolução do tecido, viu-se uma possibilidade de expressão por meio da criação dos adornos para enfeitar a superfície, seja ela roupas, acessórios ou até instalações. Os orientais foram os pioneiros em utilizar esses adornos e são criadores de diversas técnicas de estampar que são utilizadas até os dias de hoje.

A estamparia teve seu berço na Índia e foi se expandindo principalmente a partir do século XX, quando surgiu a possibilidade de contato com o Ocidente. Os europeus passaram a explorar essa nova arte apenas na Renascença, quando houve uma grande circulação de informação pelo mundo devido às grandes navegações, adaptando os estilos ao seu gosto e abordando temas mais ocidentais.

Posteriormente, a Revolução Industrial no século XVIII impulsionou a indústria têxtil na Inglaterra, ocasionando o investimento em estudos de novas tecnologias para o mercado emergente.

Para BARROS (2016), a cada nova estação o *Design* de estampas e as tendências de estamparia vão se consolidando, trazendo para a moda uma cara nova e também alguns elementos, como relevos, texturas, cores e formas. É praticamente impossível pensar em moda sem pensar no *Design* de estampas, pois as estampas acrescentam personalidade e agregam valor ao produto (2016, pg. 40)

A estamparia vem sempre acompanhando a moda e os movimentos artísticos e daí se modificando e especializando a partir do crescimento do capitalismo, sociedade de consumo e informação. Podemos dizer que, dentro das padronagens ou estampas, existem duas denominações que se diferem quanto a sua projeção e execução: a estampa localizada e a estampa corrida. As estampas localizadas não apresentam repetição, sem

precisar da preocupação dos encaixes, possuindo apenas um módulo aplicado individualmente em uma das extensões da superfície. As estampas corridas, por sua vez, apresentam um módulo base para ser repetido horizontal e verticalmente, quantas vezes for necessário para se complementar e dar vida ao projeto.

Chamamos de *rapport*, termo originário do francês, esse módulo que tende a ser a menor parte do padrão e que concentra todos os elementos e componentes visuais da estampa, nos quais são a parte essencial para formação de um padrão. Estes podem apresentar variadas complexidades que dependem do conhecimento e experiência para dar resultados fluidos, onde seus limites passam despercebidos. O encaixe é fundamental para o resultado apresentar o efeito preciso e contínuo da estampa.

A questão da escala, da cor e da forma de aplicação também é fundamental para definir o posicionamento da estampa, a linguagem que se quer transmitir.

Processos de Impressão

Atualmente existem quatro processos básicos de impressão de estampas que devem ser levados em consideração na formulação do projeto, pois sua escolha e um bom resultado dependem da complexidade da estampa, da variedade de cor e dos tipos de tecido em que serão aplicadas.

Serigrafia: a serigrafia ou silk-screen reúne uma tela como matriz, a tinta e o rodo ou puxador. A tela, marcada com micro furos que formam elementos da estampa, é feita para que a tinta penetre na forma vazada da tela impermeabilizada, através da pressão do movimento com o rodo, sendo exercido manualmente ou de forma automatizada.

Cilindro : Esta impressão é feita por anéis de metais e cilindros de níquel perfurados. As máquinas de estamparia cilíndrica são ótimas para impressão em grandes metragens, porém, apresenta uma limitação de cor por cada cilindro corresponder a uma cor diferente do desenho.

Impressão Digital: Já na estamparia digital, a impressão usa da tecnologia a jato de tinta, como acontece em certas impressoras de papéis.

Sublimação: Acontece por meio de impressoras adaptadas as tintas sublimáticas, que funcionam com a transformação da imagem sólida, presente no papel transfer, para um estado gasoso através de calor e pressão, penetrando nas fibras do tecido ou demais superfícies. A técnica pede tecidos com 100% poliéster, capazes de absorver as tintas e manter as cores vivas e fiéis às originais. Atualmente a técnica é usada para birôs, na moda, decoração e comunicação visual, além de ser amiga do meio ambiente onde desperdício praticamente é inexistente, visto que o contato entre insumos, máquina e tecido é quase nulo. A tinta não é desperdiçada e por consequência, não se perde tempo – e dinheiro – dedicados a limpeza dos equipamentos.

De acordo com Felipe Sanchez, CEO da Global Química & Moda (GQM)

A sublimação pode ser utilizada tanto no mercado de comunicação visual, que se ramifica em banners, brindes, materiais de escritório, quanto no mercado de vestuário, englobando desde estamparia até confecções de roupas, fardamentos esportivos, abadás ou até mesmo calçados. Além disso, diferentes cores e tendências podem reforçar a atuação de quem optar por trabalhar com a impressão digital

²Como vantagens, possui baixo custo de produção, podendo ser executado tanto em grandes tiragens como em pequenas sem apresentar prejuízos à lucratividade. Atua em diversos produtos, sendo um processo relativamente fácil de ser aplicado e demandar baixos investimentos. Possui a capacidade de uma variedade de cor e por esses diversos motivos é cada vez mais utilizado no Brasil.



Figura 3 - Moodboard de estampas

² 5 vantagens de usar a sublimação com impressão digital Disponível em <https://www.fespabrazil.com.br/en/noticias/cinco-vantagens-usa-sublimacao-impressao-digital>, Acesso em Ago, 2019

O Projeto

Nos últimos anos, o design de superfície vem sendo cada vez mais difundido, por profissionais atuantes, trabalhos acadêmicos, congressos e fóruns sobre o assunto assim como a própria arte urbana que vêm ganhando cada vez mais espaço no mundo das artes e principalmente no cotidiano das pessoas como uma forma difundida no imaginário coletivo de todos os níveis da sociedade. Ambos valorizados no Brasil na década de 1980 e ganhando crescente reconhecimento internacional pela autenticidade que são desenvolvidos.

O projeto Minha Guanabara traz uma coleção de estampas sobre a Baía de Guanabara. Os padrões serão aplicados em muros, postes, entre outras superfícies do espaço urbano. A coleção apresenta cinco estampas que são categorizadas em cinco aspectos que mais traduzem e representam a Baía, definidos por meio de uma pesquisa feita com 20 pessoas de 17 a 90 anos, que possuem uma relação diária com a mesma.

O questionário contou com perguntas como :

Qual a primeira palavra que te ocorre quando falamos em Baía de Guanabara?

Como e quantas vezes você passa por ela?

Em qual futuro acredita pra Baía?

Pra você, qual seria um símbolo que representa a Baía?

Onde é a vista que você mais prefere da Baía de Guanabara?

E a pior?

A interação entre culturas de origens diversas no Brasil, conforme aponta Moraes, [...] promoveu renovações mais velozes que sua institucionalização como um modelo único. Isto é: este fenômeno ocorrido no design brasileiro, fruto da sua multiculturalidade e das suas micro-contradições, não lhe conferiu, por fim, valores simbólicos e icônicos estáticos, mas fluídos e renováveis. Estes aspectos [...] apresentam-se hoje, após décadas de amadurecimento do design local, como relevante riqueza e potencial diferencial competitivo. (MORAES, 2006, p.256).

Naming

O processo de naming quis trazer para o projeto o foco histórico e deu-se de acordo com os primeiros significados que definiram a Guanabara. A fim de explorar um pouco mais das

nossas origens, foram analisados alguns desses significados em alguns nomes tupi-guaranis, a língua majoritária entre os nativos do Brasil. Guanabara em tupi significa Rio-Mar; de onde nasce o mar; o seio de onde brota o mar.

Dentre as opções pensadas:

- 1) Minha Guanabara: Estampando a cidade com a Baía
- 2) O seio de onde brota o mar: A Baía de Guanabara estampada na cidade
- 3) Minha Guanabara: De onde brota o mar e a cidade - Coleção de estampas sobre a Guanabara.

Por fim, misturamos a opção 2 e 3 e foram definidos dois títulos: Um que nomeia o projeto de conclusão de curso, com o nome mais direto, expondo explicitamente do que se trata, e o outro que dá nome do Projeto em si, de forma mais poética e abrangente, para não limitar as possibilidades futuras de explorar novos caminhos de manifestação.

Título do TCC: Minha Guanabara: Estampando a cidade com a Baía

Título do Projeto: Minha Guanabara

Além disso, escolha do nome foi pensada para contribuir para a questão do pertencimento e do nosso compromisso com a preservação da Baía. *Minha Guanabara: de onde nasce o mar e a cidade*, traz a importância do afeto e faz referência ao significado de Guanabara, em tupi-guarani. Assim como o mar, o nome também fala sobre o nascimento das cidades envolta da Baía e evidencia a sua participação no desenvolvimento das mesmas ao longo dos anos. O pronome possessivo "minha" traz a reflexão sobre a responsabilidade sobre a Baía, sobre a quem ela pertence e depende, no caso, a mim, mas também à todos nós.



Guanabara

Figura 4 - Moodboard Baía de

Identidade Visual

A fim de dar uma unidade à coleção e incrementar o projeto, a identidade visual foi desenvolvida, trazendo a referência do movimento do espelho d'água, de forma simples e direta.

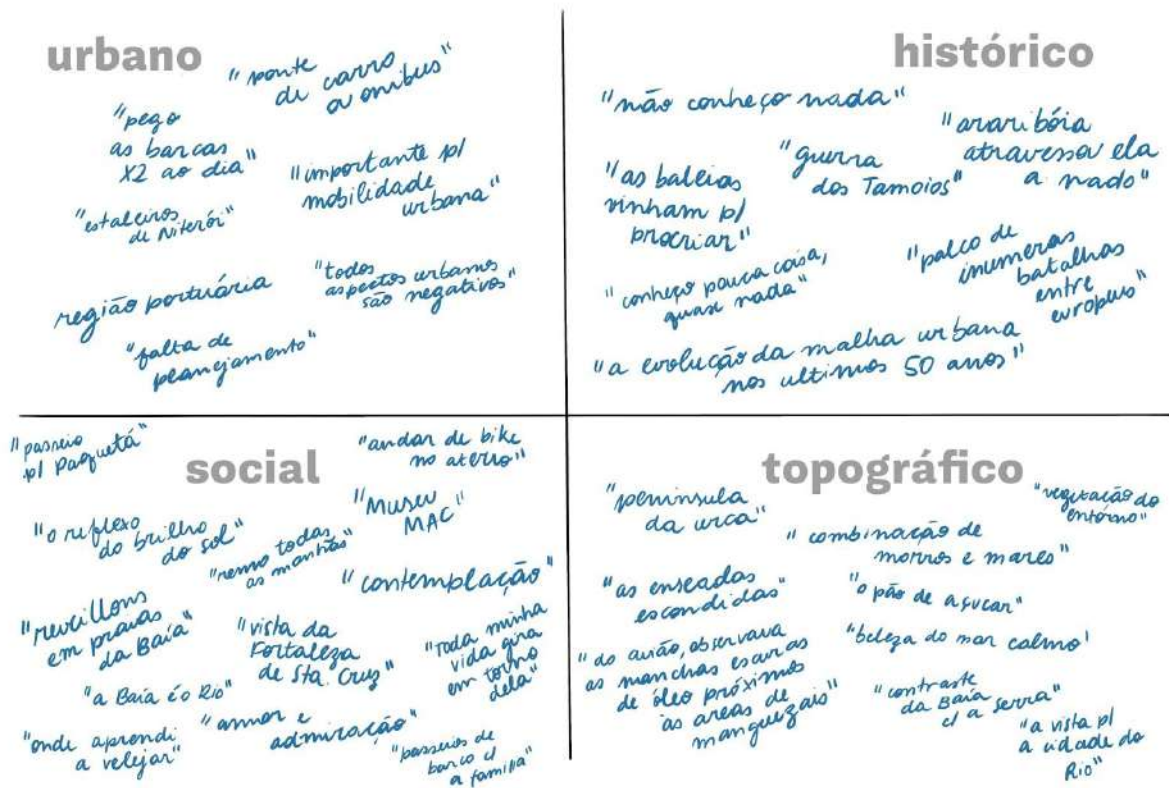
As fontes escolhidas foram a Darloune para a "minha", trazendo uma referência ao manual, e por consequência ao afeto, ao pertencimento. A fonte Open Sans foi escolhida para

"Guanabara", trazendo mais modernidade à marca, por ser uma fonte sem serifa, a tipografia mais mecânicizada, arejada e objetiva. As cores em sobretons de azul fazem referência às nuances de suas águas, assim como são utilizadas as próprias cores de fundo que aparecem em cada padrão. Em oposição às estampas, que apresentarem muitos elementos e mostram uma certa confusão visual, a marca vem de forma sutil dizer que a Baía é puramente esse mar de águas calmas.



Os cinco aspectos

Voltando às respostas do questionário realizado, pode-se perceber o quanto a população não conhece sobre a Baía, mesmo quando a maioria dessas pessoas tem contato com ela pelo menos duas vezes ao dia! Muitas das respostas, claro, citavam a situação da qualidade da água da Baía de Guanabara, assim como o descaso que o poder público trata o problema, ao mesmo tempo que se percebeu uma certa nostalgia e afeto de grande parte dos entrevistados, mas também e sentimento de tristeza e esperança sobre a sua recuperação. Esses aspectos foram então definidos em aspecto urbano, o topográfico, o histórico, o social e por último, os seus diversos problemas.



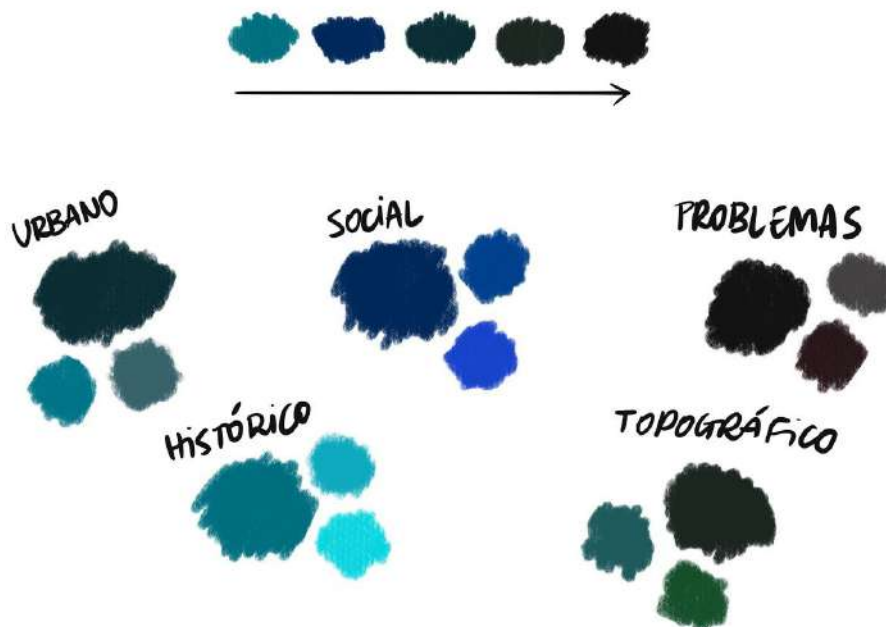
O aspecto urbano, conta com elementos que retratam as várias interferências que a cidade provoca na paisagem da Baía. O aspecto topográfico, que traz as enseadas, morros, rios, os ecossistemas, como o mangue em seus desenhos. Já o aspecto histórico, conta com elementos que historicamente modificaram todo o entorno da Baía e que muito explicam sua estrutura atual e o que hoje, ela representa. O aspecto social, que retrata as relações e as diversas formas de contato da sociedade com a Baía, seja ela um local de trabalho, de lazer, saúde, trânsito, entre outros. Por fim, claro, o aspecto dos problemas que traz as diversas formas que afetam cada vez mais o meio-ambiente e os seres-vivos que dependem da Guanabara.

Como forma de chamar atenção à vida que ainda resiste a tanta poluição na Baía de Guanabara, todos os cinco aspectos e seus elementos serão interferidos pela natureza, dividida igualmente em cada desses segmentos, que fazem parte e sentido para cada categoria.

A população de mexilhão, por exemplo, aumentou à medida que a cidade foi se desenvolvendo e virando parte de Baía, como vemos na estampa Urbana. Assim como os botos são um dos maiores prejudicados com os pela sua poluição, na estampa Problema. As baleias que aqui viviam, hoje, só são encontradas nos relatos históricos. Trazendo a

natureza para as cinco estampas, ajuda a ressaltar a importância de mudarmos nossas atitudes perante a Baía e o meio.

A paleta de cor escolhida para o fundo, retrata a qualidade da água de acordo com cada um dos cinco aspectos, variando de um azul mais claro, representa uma água limpa, até um azul e cinza mais escuro.



O estilo de desenho utilizado nos elementos que irão compor a estampa foi baseado em algumas características das produções urbanas, principalmente nacionais, com a riqueza de detalhes e extensa paleta de cor. Um traço mais lúdico, para ir contra o concreto e trazer mais expressão aos espaços urbanos. As estampas carregam uma estética manual, o que mostra uma intervenção real, direta do artista com o meio. Além disso, carregam vários elementos entrelaçados e misturados, dando uma certa confusão ao olhar mas que vai de acordo com a paisagem da Guanabara: complexa, detalhada, confusa, com seus diversos componentes que a caracterizam. Nas estampas, o cenário também é feito de beleza e caos.

A coleção conta com as cinco estampas, impressas de forma corrida, usadas em diversas escalas que irão depender do suporte e o ambiente em que serão colocadas. Nesse contexto, a comunicação da estampa é feita junto ao suporte e o ambiente que está inserida, podendo demandar uma escala maior se aplicada a um grande mural que irá ser visto de longe, por exemplo. Em outros casos, apresentando uma escala menor, podem chamar atenção mesmo quando colocadas em locais que passam despercebidos, como tijolos, buracos nos muros, postes, placas, entre outros suportes urbanos. Além disso,

apresentam uma posição certa de serem aplicadas pois possuem o pé da estampa. Colocar a estampa com o "pé" e a sua orientação exata, foi uma escolha consciente, pois a coleção foi feita para a cidade e não exige a fluidez que uma impressão para um tecido "usável" e não fixo, como vemos no caso da impressão para o ramo da moda.

Os Elementos

Urbana

Os elementos que compõem a estampa Urbana fazem parte da paisagem urbana que envolve a Baía de Guanabara. Como vemos, embarcações de transporte de cargas, plataformas de petróleo, a cidade à noite refletida na água, a favela que se formou em muitas beiras da Baía. Vemos também os elementos naturais escolhidos para esse caso: a folha de amendoeira, uma árvore muito presente nas ruas das cidades do estado e encontradas nas orlas da Guanabara, mesmo não sendo uma espécie nativa! A garoupa, um dos peixes ainda muito encontrados por aqui mesmo com a sua extrema poluição.



Figura 5 -Elementos Urbanos

Topográfica

Os elementos da estampa Topográfica diz respeito às enseadas, ilhas, morros, rios e faz referência aos mangues da Guanabara. Como vemos abaixo, o morro do Pão de Açúcar, um dos ícones da cidade, presente na praia de Botafogo. A ilha da Boa Viagem em Niterói e o Rio Carioca e seus meandros. Como animais, se fazem presentes a cobra coral falsa, os caranguejos e o Guará, uma ave de vermelho exuberante. Junto deles, a vegetação do manguê com as raízes e as folhas do manguê-vermelho, presentes nos nossos manguezais.



Figura 6 - Elementos

Topográficos

Histórica

A estampa histórica cita alguns principais recortes históricos que aconteceram e transformaram a Baía e seu entorno. O café, a cana e a flor amarela do Pau Brasil representam as monoculturas que substituíram a Mata Atlântica na época das invasões européias. As caravelas representam justamente essa vinda dos europeus ao Brasil, assim como o cocar representa nossos nativos, a mulher negra que representa a escravidão e nos lembra das atrocidades do tráfico negreiro e como a Baía foi o principal local de chegada dos escravos. A corrente representa essa escravidão e o domínio Europeu sobre nossas terras. Os animais que aparecem na estampa Histórica, são a raia tigre, antigamente muito presentes por aqui, a tainha, um peixe que é citado pelos registros tupi com nome de Curumã e por fim, as baleias, que vinham nas águas da Guanabara para procriarem.



Históricos

Figura 7 - Elementos

Social

A estampa Social representa nossa relação, como indivíduo e sociedade, com a Baía de Guanabara. O Museu de Arte Contemporânea em Niterói, emblemático na paisagem da Baía, junto às atividades de lazer e esporte como a canoa havaiana e veleiros. A bicicleta representa a tradição da Ilha de Paquetá, o barco do pescador reforça a identidade dos pescadores, assim como a técnica de pesca tradicional de uma armadilha feita de bambu. O padrão do calçadão da Urca, local onde também encontramos a bromélia. Aparecem também a ponte Rio-Niterói e o avião referindo-se aos Aeroportos. A multidão diz respeito ao fluxo de pessoas nas barcas. A garça, a gaivota são aves muito vistas por aqui, comuns na nosso dia - a - dia, assim como o robalo é um dos peixes mais pescados.



Figura 8 - Elementos Sociais

Problemas

Dentre os elementos da estampa dos Problemas, vemos os animais mais ameaçados pela poluição: o cavalo marinho, a tartaruga verde e o símbolo da Guanabara: o boto cinza. A flor Pavonia é uma espécie dada como extinta da Mata Atlântica. Os corais e ouriços resistem à situação e os urubus se fazem muito presentes nos lixões que cercam a Baía. Além dos animais, claro, há o lixo. O saco plástico, canudo e garrafa pet representam o maior poluente dentre os resíduos sólidos. A mancha de óleo também reflete a qualidade atual da água.



Figura 9 - Elementos Problemas

Elementos Complementares

Os elementos complementares foram usados em todas as estampas como elementos que reforçam a ideia de fundo do mar como os diversos tipos de algas, conchas e moluscos.



Complementares

Figura 10 - Elementos

As Estampas

Urbana



Rapport



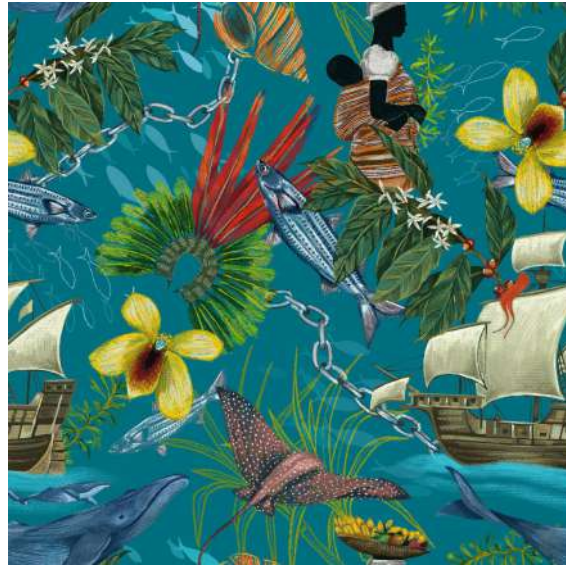
Topográfica



Rapport



Histórica



Rapport



Social



Rapport



Problemas



Rapport



Aplicações

Para FREITAS (2012, p.43) "o resultado de um trabalho de design de superfícies depende muito da seleção de materiais pois é sobre o suporte material ou a partir dele que o projeto de superfície acontece."

Como já foi citado anteriormente, as formas de aplicações e superfícies atualmente são diversas, mas o que dizer quanto ao design de superfícies aplicados pelas cidades e espaços públicos? As propriedades táteis do design têxtil unida as superfícies da cidade conversam e unidas, atribuem características perceptivas e expressivas com intuito de aproximar a cidade e a própria Baía de seus habitantes, através da troca de significados que dependem do contexto em que estão inseridos, assim como da capacidade do designer de identificar carências e necessidades, resultando em uma certa identificação de seu observador, como forma até de compreendermos a importância de exercer nossa profissão com responsabilidade social.

O estilo de desenho utilizado nos elementos que irão compor a estampa foi baseado em algumas característica das produções urbanas, principalmente nacionais, com a riqueza de detalhes e extensa paleta de cor. Um traço mais lúdico, para ir contra o concreto e trazer mais expressão aos espaços urbanos



Figura

As estampas serão impressas em sublimação no tecido oxford. A escolha do material e do processo foram feitas pensando em como trazer o ar lúdico e uma arte urbana para a cidade e não poluir tanto o meio-ambiente.

Como falado anteriormente, a técnica foi escolhida para execução do projeto por condizer com a proposta de aplicação em superfícies urbanas. O tecido poliéster possui igualmente vantagens específicas quanto a sua durabilidade e à retenção de cor, sendo a sua superfície capaz de proporcionar, unida à impressão por sublimação, um resultado mais eficaz e fiel às estampas desenvolvidas.

As aplicações das estampas serão feitas semelhantes ao processo de lambe-lambe, com uma mistura de cola branca e água.

Atualmente, vem se difundindo a idéia de valorização da cultura nacional, principalmente no âmbito econômico-social. A valorização da nacionalidade brasileira abre novos meios de produção e consumo, resultados da necessidade de aderir um caráter identitário e apresentar um diferencial em suas formas. Esse novo pensamento se aplica igualmente a arte urbana brasileira assim como outras expressões artísticas que contribuem para gerar a informação sobre nosso meio e também favorecer nosso desenvolvimento cultural.

Um movimento muito forte no campo do design seria a inspiração no elemento popular e a aplicação de técnicas artesanais como forma de marcar a "brasilidade" e, através de um processo de resignificação, assumir o valor simbólico de representação da identidade nacional. Tal fato faz parte de um movimento mais amplo, típico da nossa época, que se caracteriza pelo emprego de referências populares, elementos tradicionais e de técnicas artesanais (...) (CARDOSO, CAETANO, 2012, p.42)

Versões Localizadas

A fim de explorar mais os diversos tamanhos, texturas e diversificar as perspectivas das estampas pelas cidades, foram criadas versões de cada estampa em formato localizado, para ter mais possibilidades de suporte e conversar de novas formas com o público.



Aplicações nas cidades do entorno da Baía de Guanabara



Figura 12 - Aplicação da estampa histórica no Museu de Arte do Rio

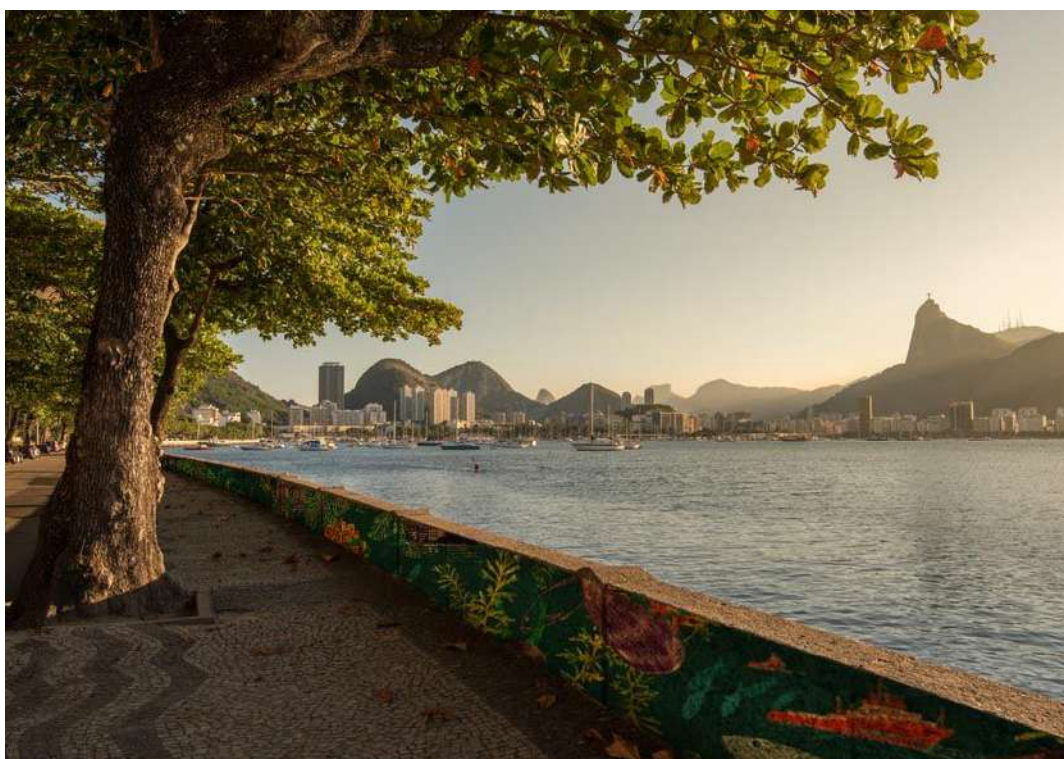


Figura 13 - Aplicação da estampa Urbana na Mureta da Urca



Figura 14 - Aplicação da estampa Urbana no Aeroporto Galeão

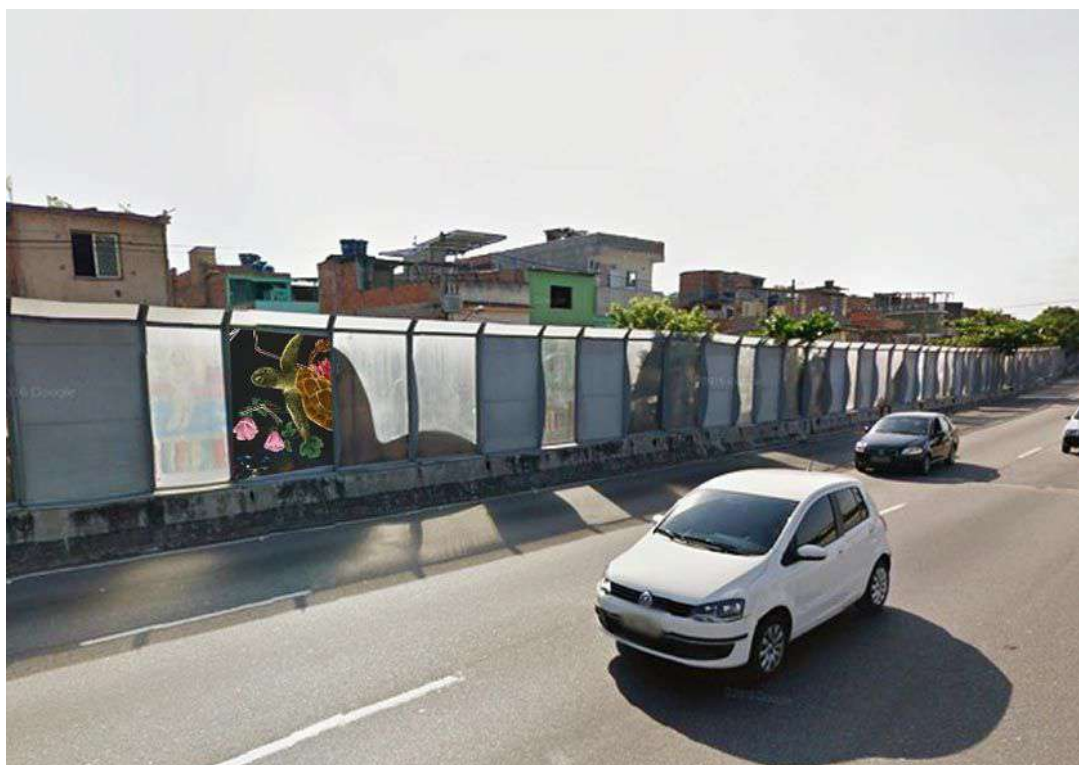


Figura 15 - Aplicação da estampa Problemas nos painéis da Linha Vermelha



Figura 16 - Estampa Topográfica em viadutos e construções



Figura 17 - Aplicação da estampa Social de forma localizada no barco



Figura 18 - Aplicação da estampa Social em propriedade privada



Figura 19 - Aplicação da estampa Topográfica de forma localizada no Shopping São Gonçalo



Figura 20 - Aplicação da estampa Social no túnel em Botafogo



Figura 21 - Aplicação da estampa Problemas no MAC em Niterói

Desdobramentos

Divulgação

Como forma de divulgação, e para que aqueles que quiserem se aprofundar mais no entendimento das estampas, o projeto conta com um site, com todas as informações necessárias sobre cada aspecto, datas de eventos ligados a Baía de Guanabara, curiosidades, assim como um espaço para uma loja virtual, com produtos diversos estampados pela coleção.

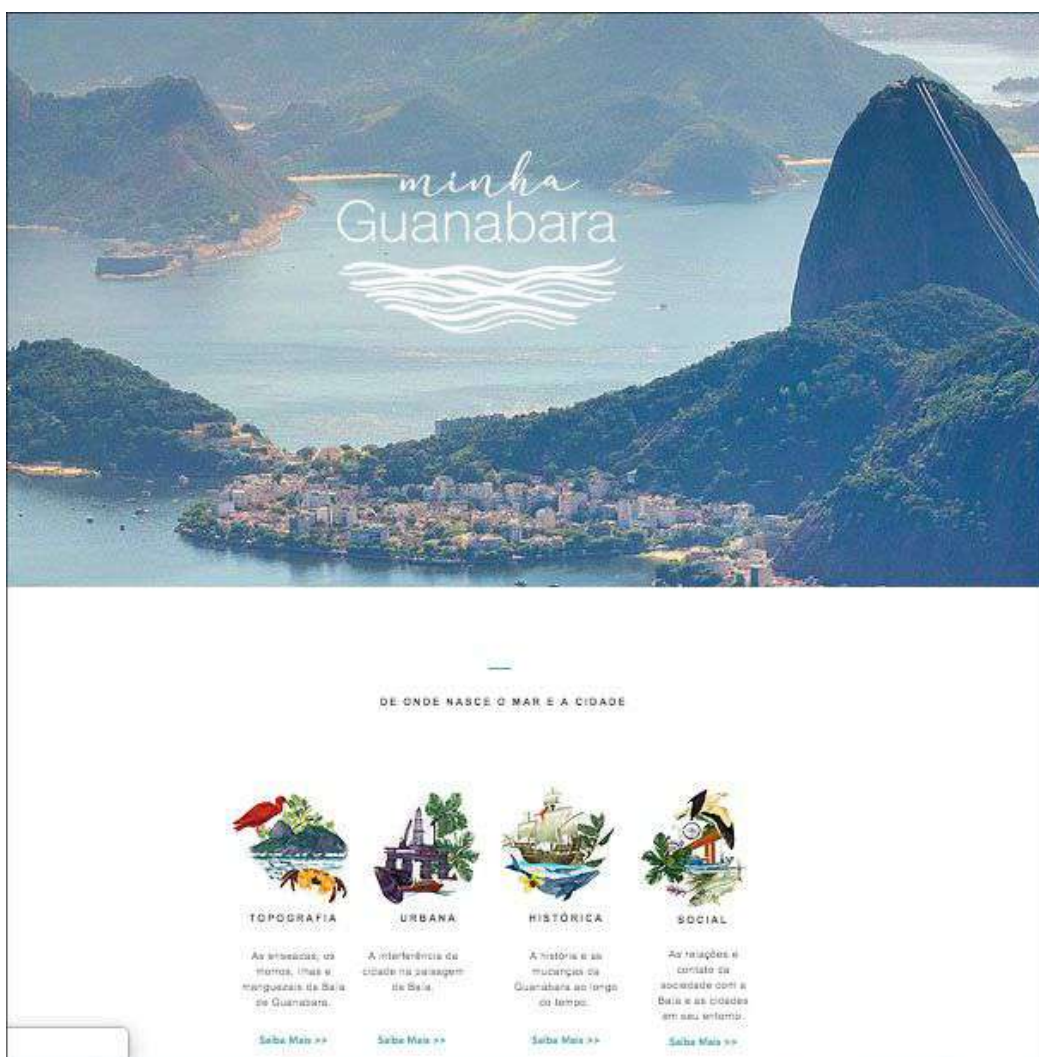


Figura 22 - Homepage do Site



Figura 23 - Categoria "A Baía Estampada na Cidade", no Site

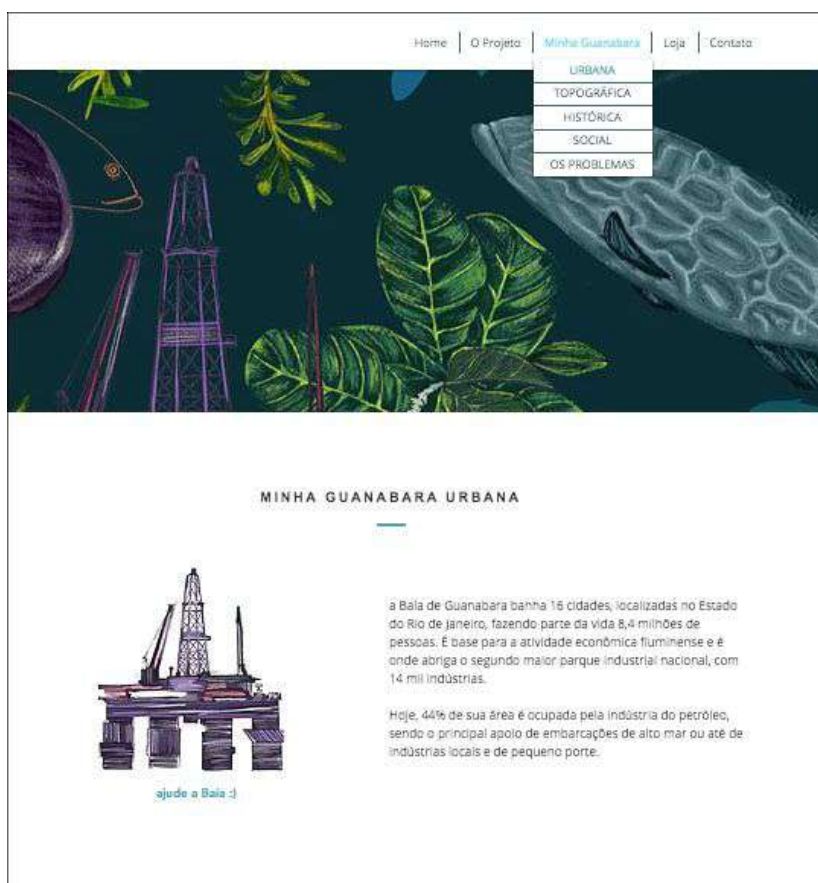


Figura 24 - Categoria "Minha Baía Urbana", no Site

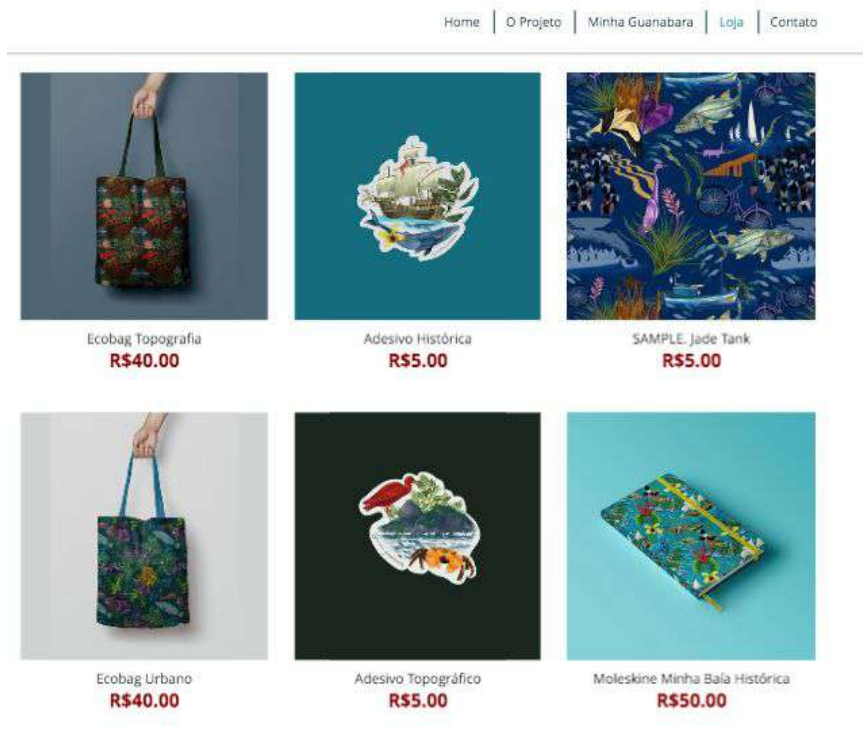


Figura 25 - E-commerce do Site



Figura 26 - Categoria "Parceiros"

Sendo um dos melhores meios de comunicação da atualidade, o Instagram @minha.guanabara, assim como a #minhaguanabara reúne conteúdo de diversos artistas, ONGs, entre outros projetos que envolvem e que conversem com o mesmo propósito.



Figura 27 - Instagram @minha.guanabara

Produtos - Outras aplicações

Como forma de trazer alguma mudança efetiva e arrecadar investimentos para ser possível executar ações reais a favor da Baía, foram pensados produtos estampados com a *Minha Guanabara*, para serem comercializados, reforçando a idéia do consumo "eco-friendly" e da propagação de novos hábitos a favor do meio-ambiente. Esses produtos fazem parte do e-commerce encontrado no site, assim como podem ser vendidos através do Instagram. Se dividem em ecobags, cadernos artesanais de papel reciclável, tecidos estampados, entre outros artefatos que se encaixam na realidade sustentável, sendo 50% do lucro das vendas revertidos para algumas organizações parceiras que ajudam na preservação da Baía, assim como os projetos que se propõem a ir nas escolas com intenção de educar a população de jovens e crianças em se tornarem pessoas mais responsáveis em relação ao nosso planeta.



Figura 28 - Aplicação da Marca em Ecobag

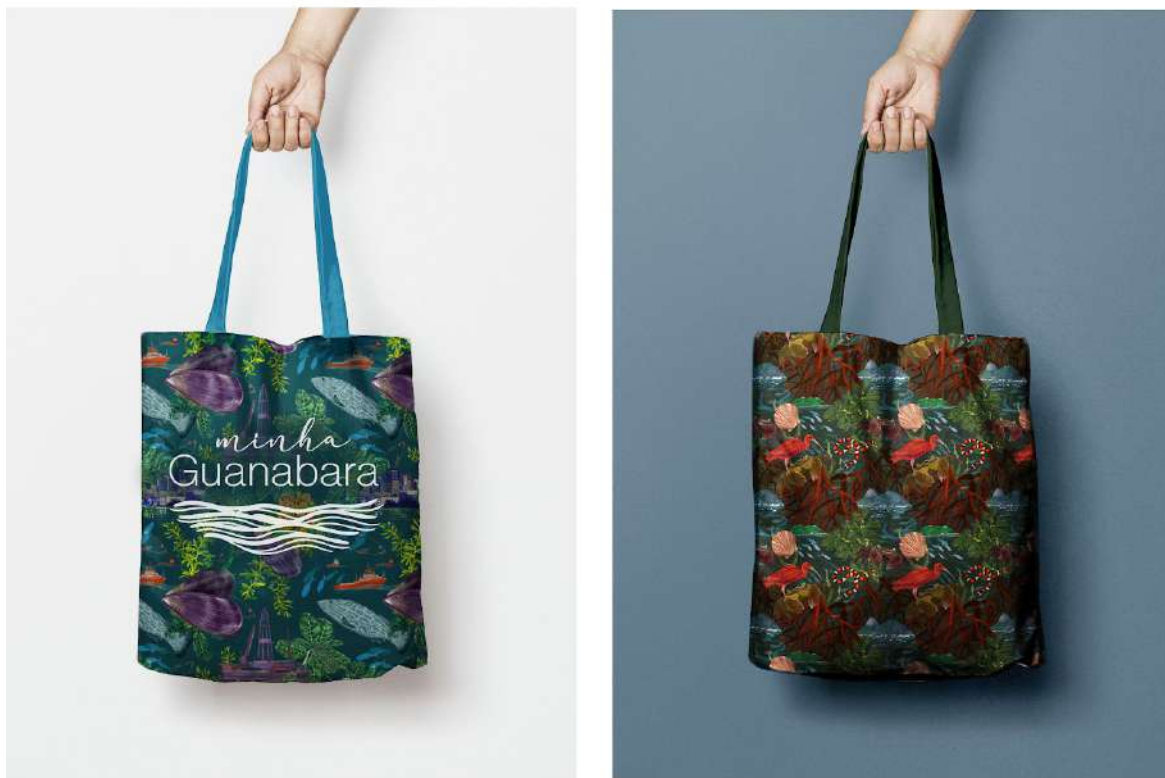


Figura 29 - Aplicação das Estampas em Ecobag



Figura 30 - Aplicação da Estampa Histórica em caderno

Conclusão

Com esse projeto foi possível conhecer mais das nossas raízes, compreender os processos históricos que contribuíram para formação das cidades envolta da Baía, processos esses que também explicam como chegamos até aqui, com a situação lastimável de poluição que vemos atualmente. Além disso, ajuda a entender melhor as origens dos problemas que afetam diretamente a Baía de Guanabara, o que é importante para pensarmos em novos hábitos e futuramente, melhores escolhas a favor do meio-ambiente.

Houve também um estudo mais profundo sobre a arte urbana e a importância da escolha das superfícies, por serem aplicadas a algum suporte do espaço público. Essa escolha pode possibilitar um acesso à informação sobre a Guanabara e todas as suas questões, de forma mais eficiente por ser exposta para todas as pessoas, sem perder o caráter lúdico e acessível. As estampas sobre a Baía expostas pelas cidades, alertam para a necessidade de mudanças coletivas a favor do mundo, mas não só isso. Exaltam o nosso sentimento de orgulho, dando uma identidade às nossas ruas, nos devolvendo a auto-estima e uma certa esperança sobre o nosso futuro como cidade e nação. Através das estampas e a idéia de expo-las nas ruas, o projeto me fez querer cada vez mais exercer minha profissão com responsabilidade social, algo que eu possa contribuir de alguma forma para o mundo.

"Não existe problemas ambientais, existem apenas sintomas ambientais de problemas humanos."

Robert Gilman

BIBLIOGRAFIA

CARTAXO, Zelinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. Disponível em <http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/380> . Acesso em 16 Jun, 2019.

CARDOSO, Fernanda, CAETANO, Gláucia. Inovação, estudo e pesquisas - reflexões para o universo têxtil e de confecção. **Brasilidades - O Design Brasileiro e as representações de Identidade Nacional**. São Paulo / Rio de Janeiro . Estação das Letras e das Cores, 2012, v. II, p. 41-54.

Mercado da escravidão no Rio de Janeiro. Disponível em <http://pretosnovos.com.br/museu-memorial/>. Acesso em Jun, 2019.

"A cidade do Rio de Janeiro no século XX / Segunda metade do século XX". Disponível em https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX Acesso em 20 Jun, 2019.

FREIRE, Lukas. **Living in the city: The Urban Space as a creative challenge - Urban Interventions**. GESTALTEN, 2010.

Estampa in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto, 2003-2019. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estampa>. Consultado em 22 abr 2019.

RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. **Design de superfície**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

TRINSTAN, Manco. **Graffiti Brasil**. Importado. Editora: Thames & Hudson, 2005.

ALENCAR, Emanuel. **Baía de Guanabara: Caso e Descaso**. Rio de Janeiro: Mórulas, 2016.

MAGALHÃES, Corrêa. **Águas Cariocas: A Guanabara como Natureza**. Rio de Janeiro: Mórulas, 2017.

Batista, Clayton. Diagnóstico da Vegetação - Estação Ecológica da Guanabara e Região, Disponível em http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/diagnostico_vegetacao_ga.pdf. Acesso em Jun, 2019